



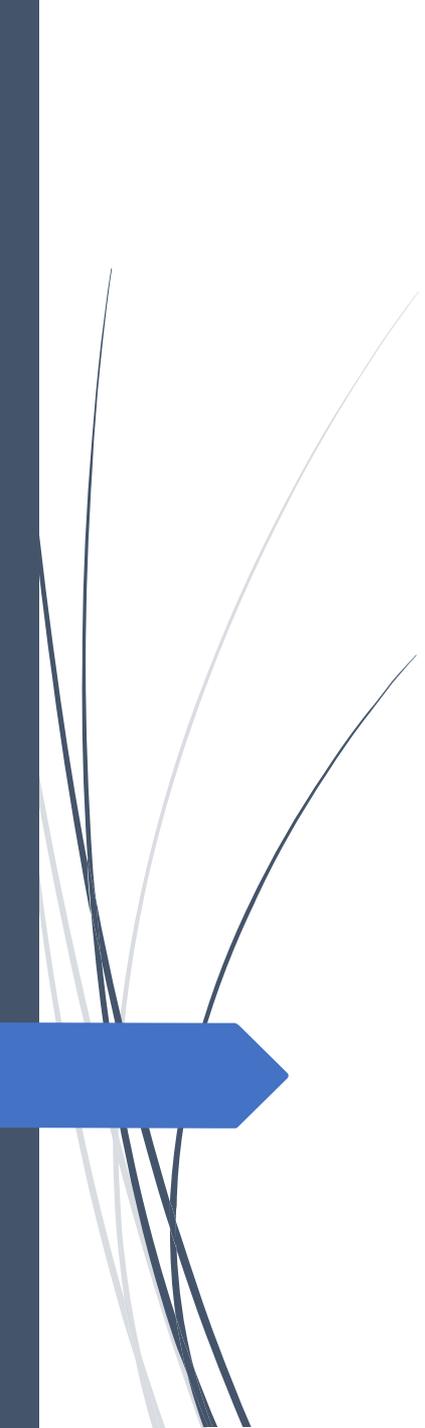
IEB0269 – A Formação do Estado Brasileiro Projetos, Políticas e Tensões (1822-1889)

Prof^a. Dr^a. Luciana Suarez Galvão – lsgalvao@usp.br

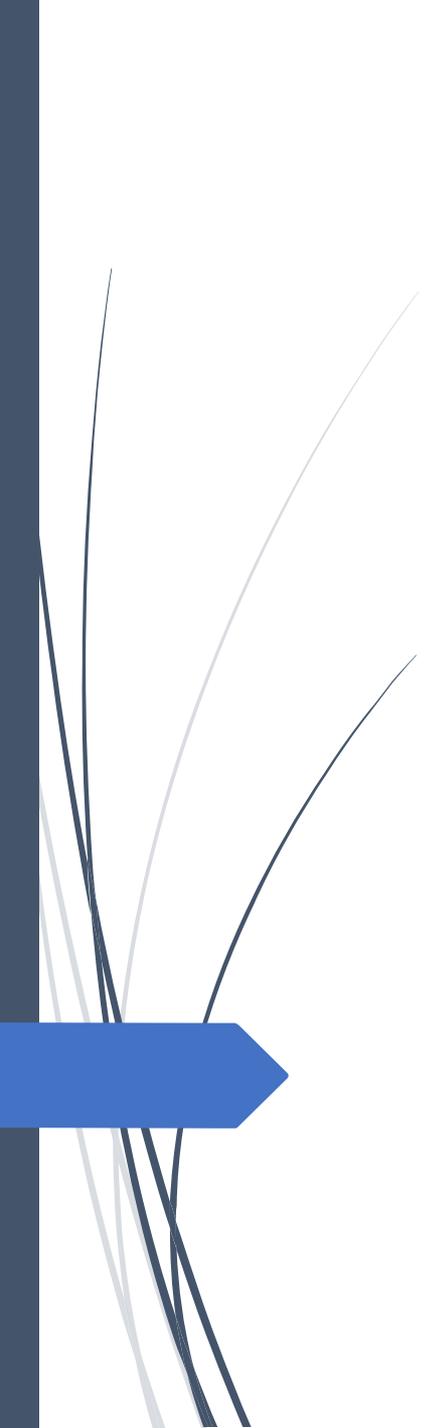


“O Sentido da Colonização”

O surgimento e a consolidação do paradigma pradiano



Os homens que estão hoje [1967] um pouco para cá ou um pouco para lá dos 50 anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado e em função de três livros: *Casa Grande & Senzala* [1933], de Gilberto Freyre, publicado quando estávamos no ginásio; [...] *Raízes do Brasil* [1936], de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; *Formação do Brasil Contemporâneo* [1942], de Caio Prado Júnior, publicado quando estávamos na escola superior.



São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo.

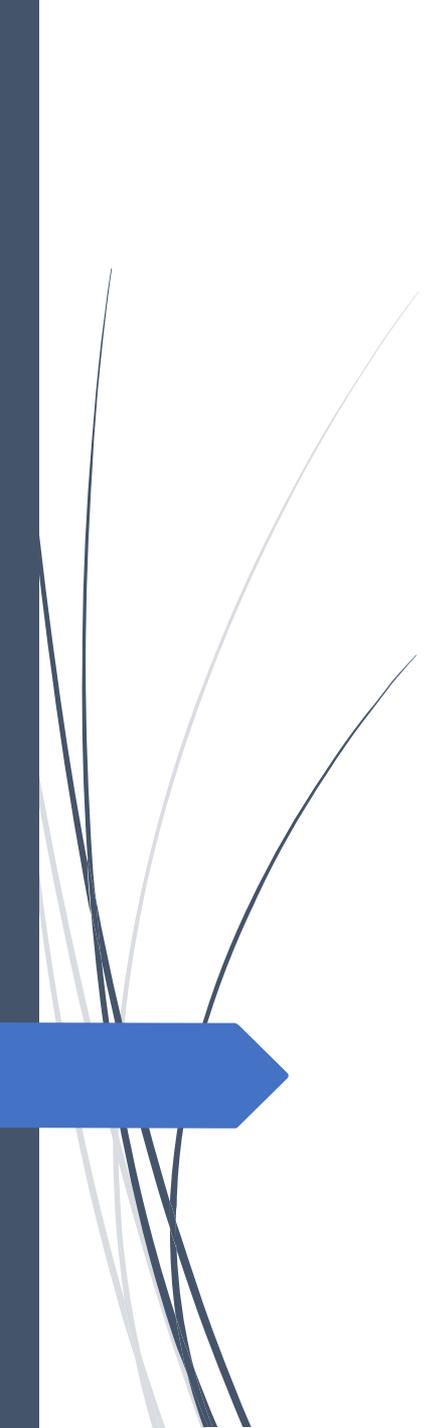


A conturbada década de 1930

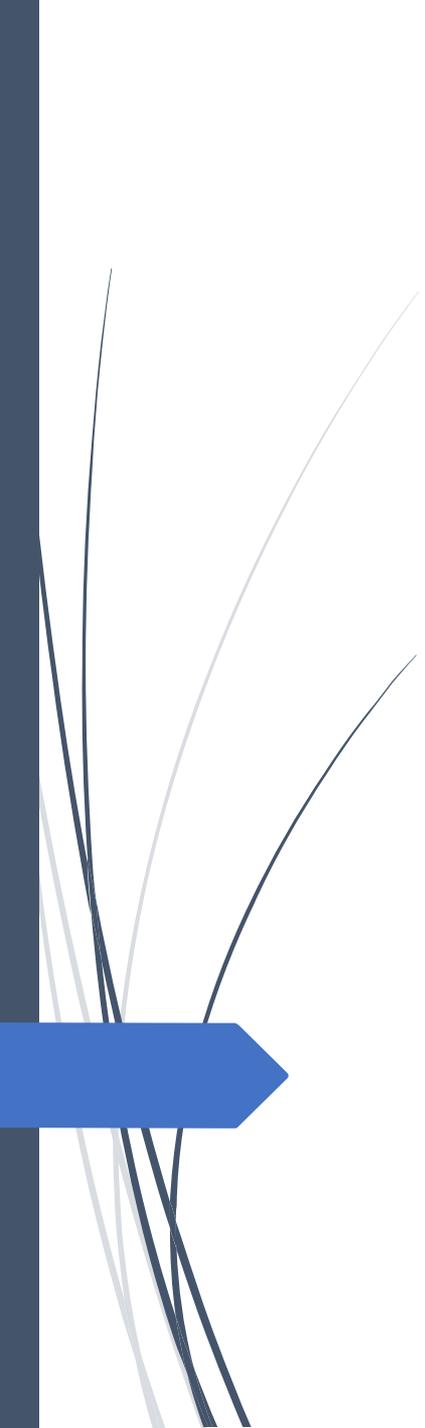
Estado Novo – Nova História



A grande crise econômica da terceira década, a agitação social, a cisão oligárquica, a escassa representatividade política dos novos estratos sociais, a intensa movimentação cultural (de que o modernismo é boa expressão) configuram um ‘presente problemático’, cujas raízes - ‘a formação nacional’ - devem ser investigadas. E, nesse processo, os recursos da análise social do período são questionados, abrindo-se espaço à renovação das ciências sociais no Brasil.



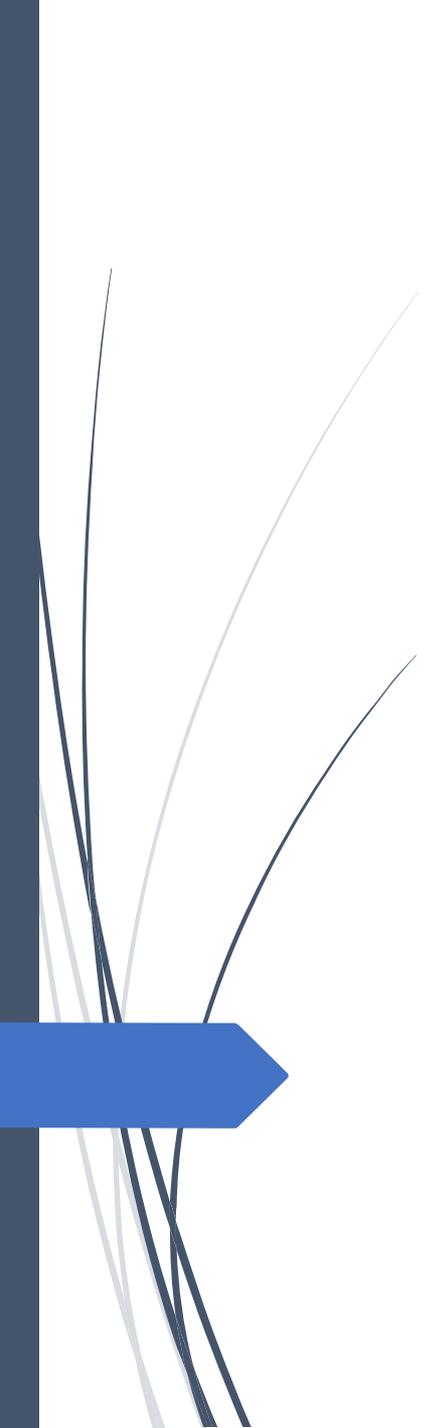
A criação da USP iniciou o estudo sistemático das ciências humanas, e mais ainda no campo da História, pois até então a historiografia brasileira era dominada pela história dos eventos e dos grandes nomes da pátria, com raras exceções como a de Capistrano de Abreu.



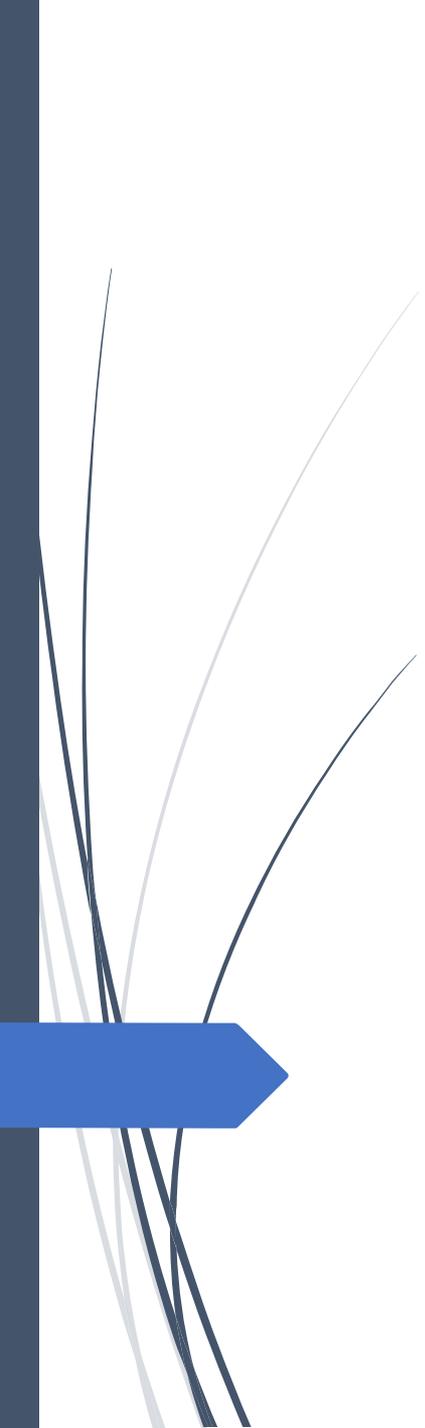
Organizar e pesquisar arquivos e estudar as transformações da sociedade brasileira não faziam parte das preocupações da elite econômica, cultural e política do país, mesmo porque não havia um caráter profissional e um resultado monetário na dedicação a esse tipo de trabalho.



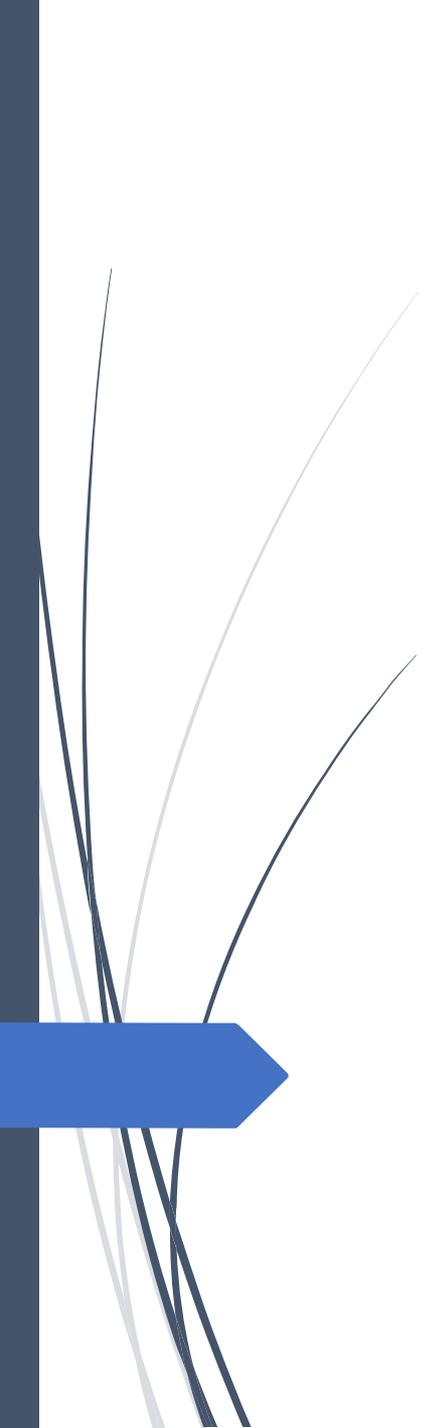
A Universidade de São Paulo rompeu com este estado de coisas e inaugurou uma nova perspectiva para os estudos de História, que receberam as primeiras orientações vindas da missão de professores franceses, da Escola dos Annales.



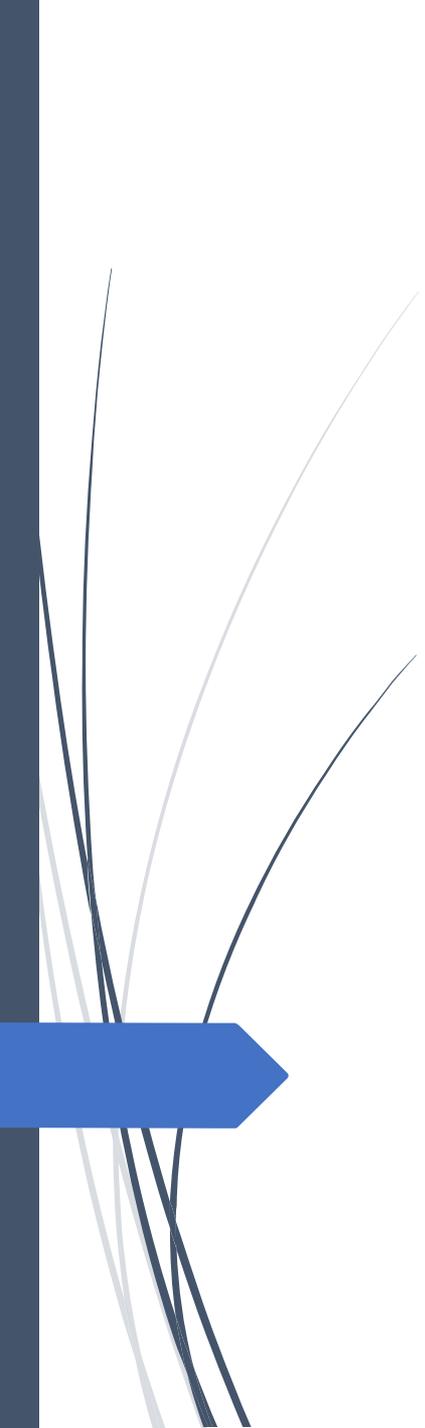
Febvre e Bloch combatiam [...] uma história somente preocupada com os fatos singulares, sobretudo com os de natureza política, diplomática e militar. Combatiam uma história que, pretendendo-se científica, tomava como critério de cientificidade a verdade dos fatos, à qual se poderia chegar mediante a análise de documentos verdadeiros e autênticos.



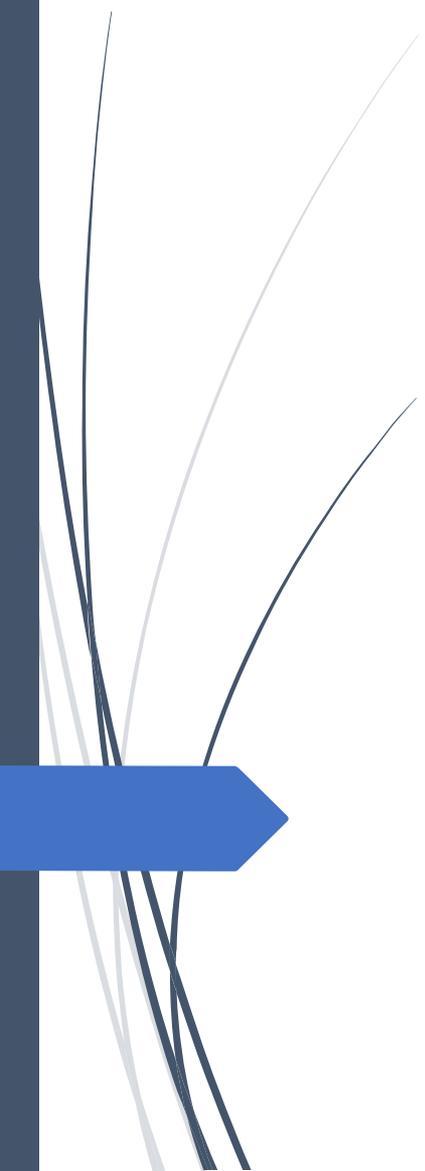
Febvre e Bloch combatiam, enfim, uma história que se furtava ao diálogo com as demais Ciências Humanas, a antropologia, a psicologia, a linguística, a geografia, a economia, a [...] sociologia [...]



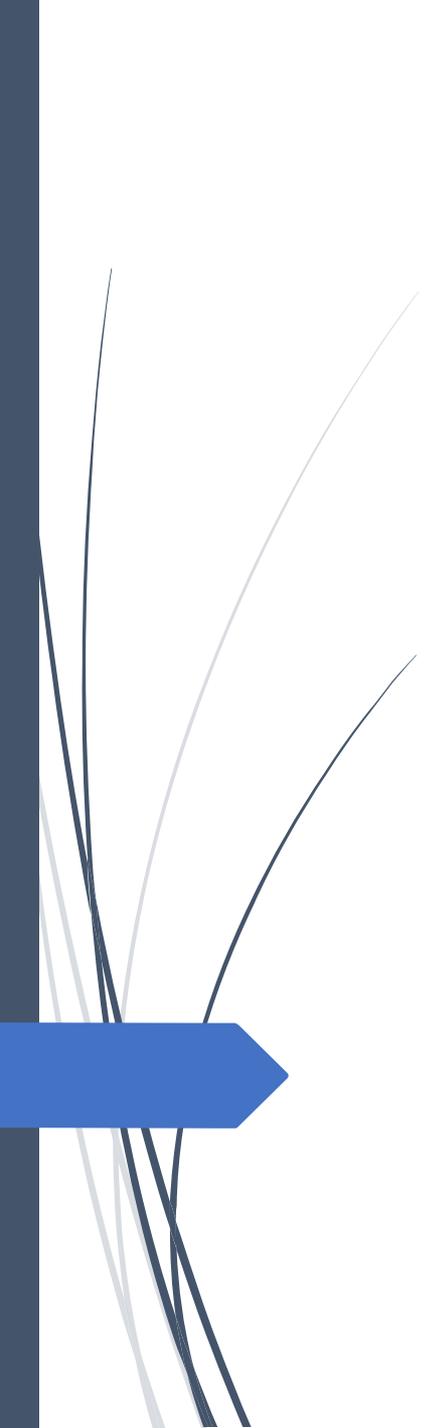
[...] ampliava-se também cada vez mais, no espaço e no tempo, o seu horizonte [da História], de modo que ela se tornava uma ciência que devia cobrir toda a vida humana, em diferentes lugares – não a simples relação de feitos espetaculares de alguns povos que foram dominantes.



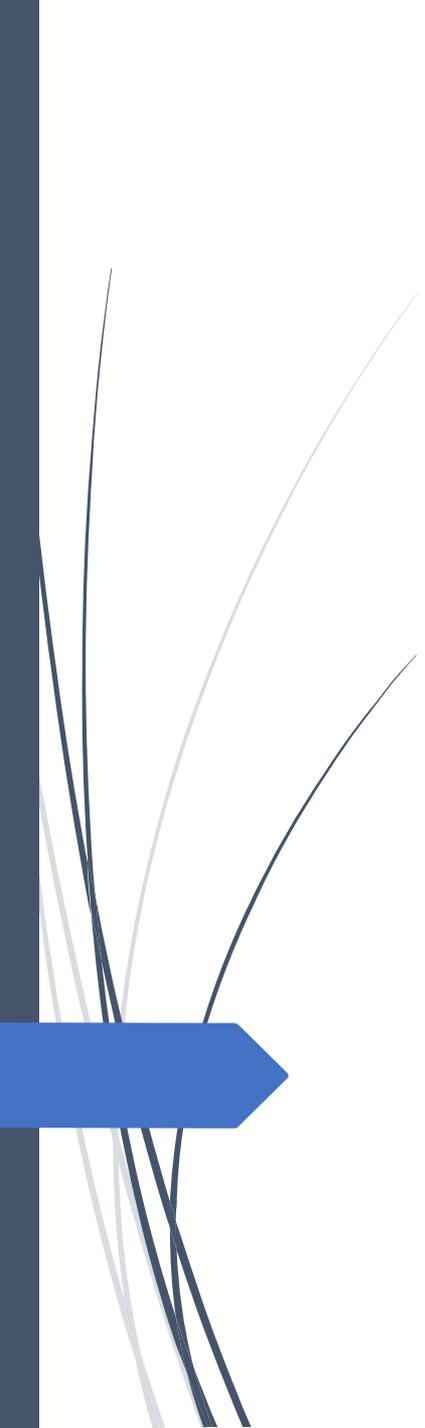
Aos poucos, enquanto se buscava a História Universal, caminhava-se para maior especialização. Aí, no quadro das Histórias especiais, ganhou vulto, sobretudo em nossos dias, a Econômica, exigida pela realidade. Era evidente a insuficiência da explicação política, sem atentar para o social como totalidade.



No curso de História da Faculdade de Filosofia iniciaram-se os estudos de história econômica, sob influência dos métodos e das abordagens europeias, que os fundamentaram até a criação da Faculdade de Economia e Administração em 1946.



Nas atividades de pesquisa, os professores recomendavam aos alunos a escolha de temas de história do Brasil, buscando as ligações entre eles e a história geral. Nascia assim, uma moderna historiografia brasileira.



O que se vê na historiografia geral vai ser repetido no Brasil. [...] Em panorama da historiografia brasileira, vê-se que os assuntos econômicos só há pouco tempo despertam atenções. O comum era o interesse pelos aspectos políticos, com os fatais desvios para os episódios que se têm como espetaculares e o conseqüente cuidado com as lutas pelo poder, sucessão de chefes [...]

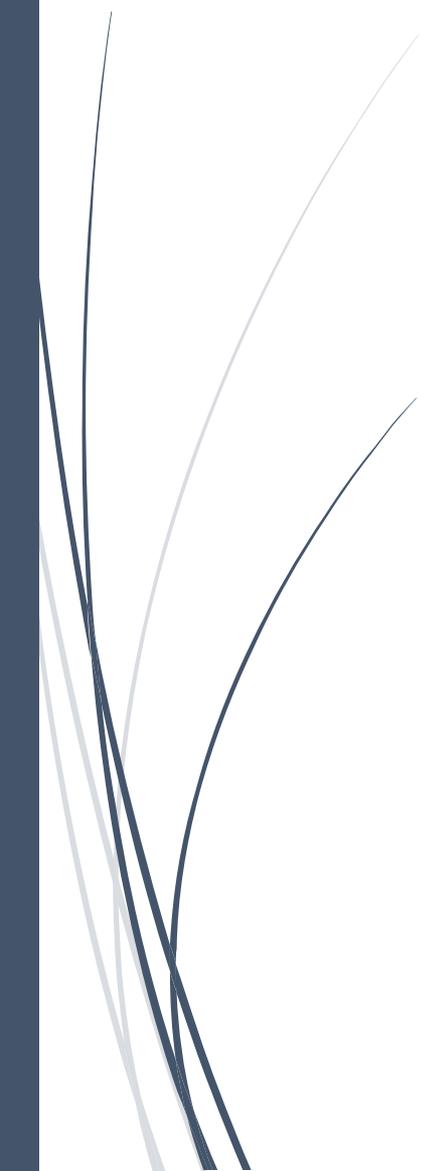


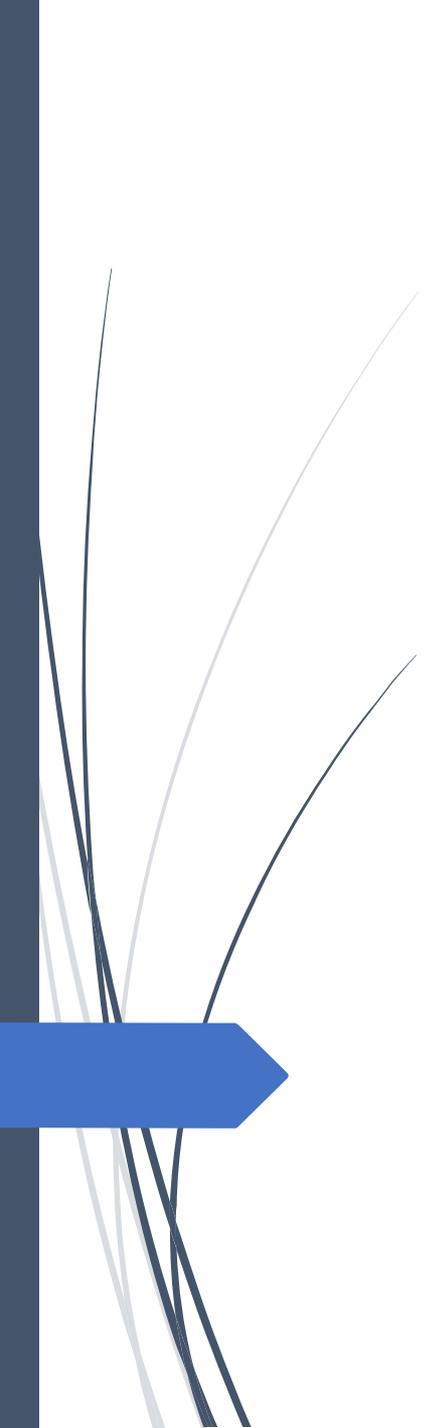
História Econômica no Brasil

o caminho percorrido



Obras de caráter descritivo

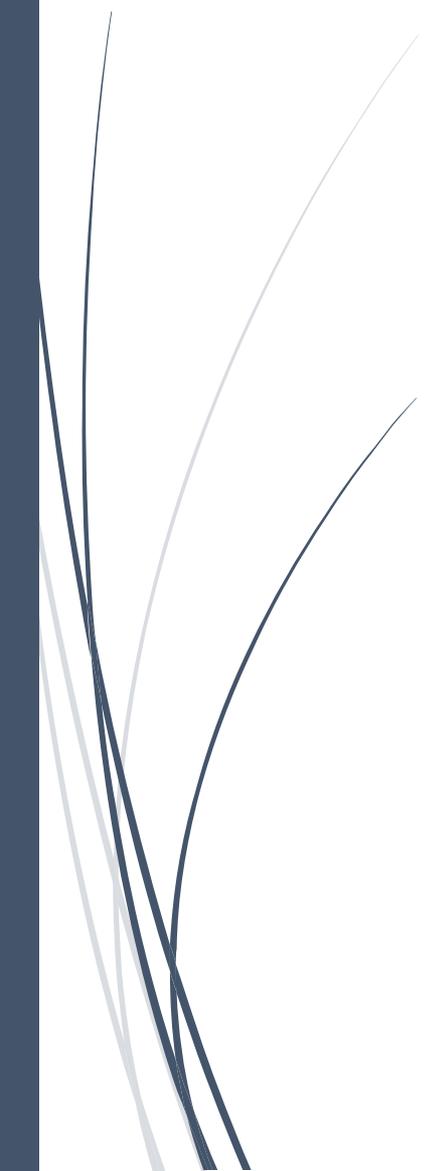
- ▶ Tratado descritivo do Brasil em 1587 (Gabriel Soares de Sousa)
 - ▶ Diálogo das grandezas do Brasil (Ambrósio Fernandes Brandão, 1618)
 - ▶ Cultura e opulência do Brasil (Antonil, 1711)
- 



A província do Brasil está situada além da linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ela a correr junto do rio que se diz das Amazonas, onde se principia o norte da linha de demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão desta província até 45 graus, pouco mais ou menos. Esta terra se descobriu aos 25 dias do mês de abril de 1500 anos por Pedro Álvares Cabral, que neste tempo ia por capitão-mor para a Índia por mandado de el-rei D. Manuel, em cujo nome tomou posse desta província, onde agora é a capitania de Porto Seguro [...]



“Quase” história econômica

- ▶ Memórias e relatórios
 - ▶ Entremeados: os acontecimentos históricos e as informações econômicas
 - ▶ Bons exemplos são os relatórios ministeriais ou os de presidente de província (<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>)
 - ▶ Relatos dos viajantes estrangeiros (século XIX) (<https://archive.org/details/bnf-bpt6k10494347>)
- 



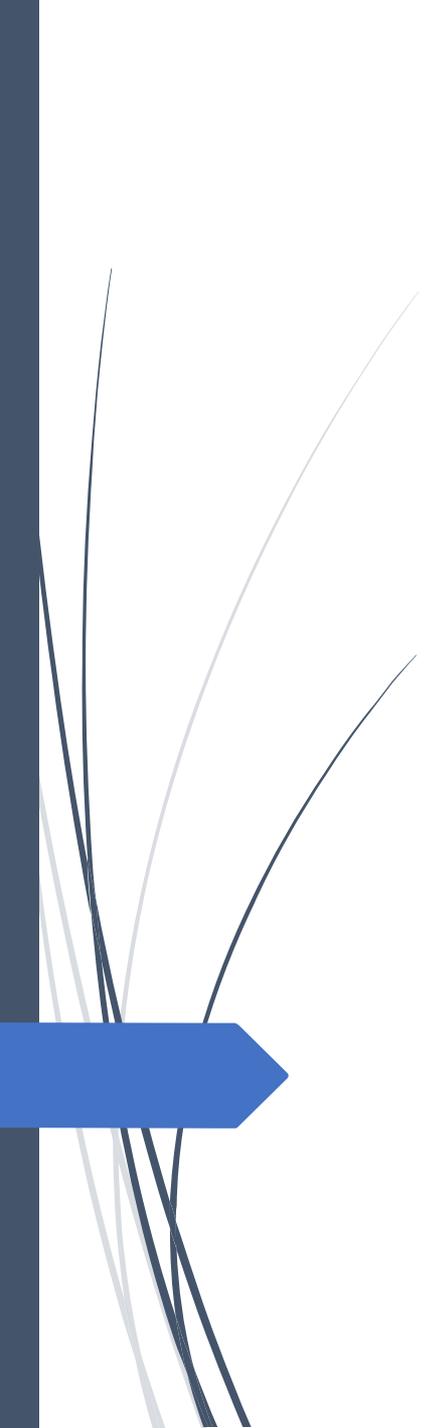
Uma categoria à parte

- ▶ Textos que analisam questões econômicas nacionais sob o ponto de vista exclusivo das políticas monetária e cambial
- ▶ Exemplos: Amaro Cavalcanti, Castro Carreira, Leopoldo Bulhões e Pandiá Calógeras

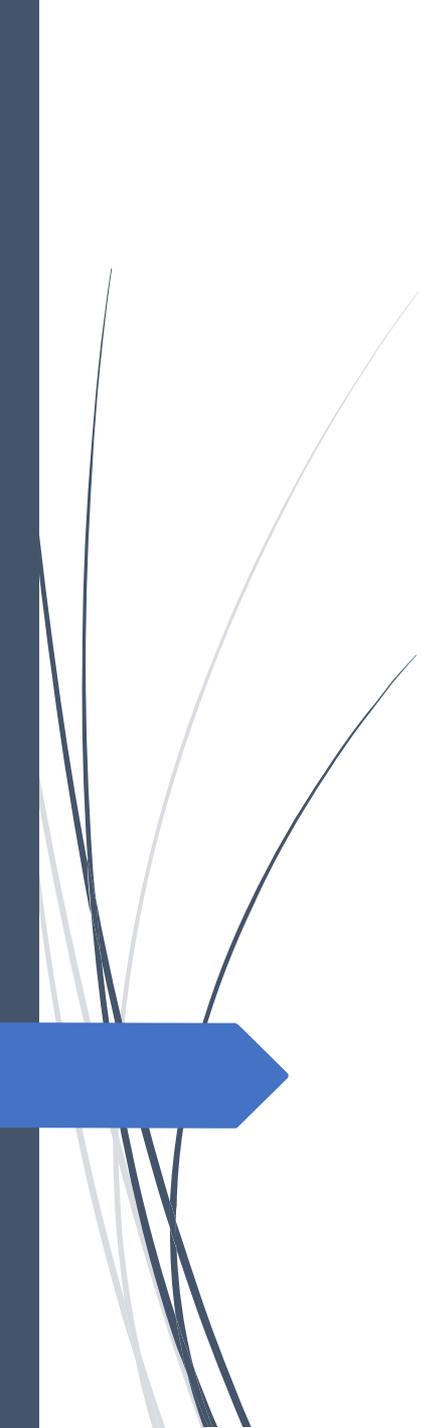


A História Econômica como objeto

- ▶ História da formação econômica do Brasil, de Vitor Viana, 1922
- ▶ Pontos de partida da história econômica do Brasil, de José Gabriel de Lemos Brito, 1923
- ▶ Épocas de Portugal econômico: esboços de história, de João Lúcio de Azevedo, 1928 (ideia dos ciclos na economia colonial)
- ▶ Evolução econômica do Brasil, de John F. Normano, 1938 (enfoque quantitativo; índices estatísticos; fontes primárias)



A história da economia brasileira [...] constitui, na verdade, a história do aparecimento e desaparecimento por assim dizer de sistemas econômicos inteiros em que uma nação baseia sua existência. A sua característica principal é a permanente mudança das condições dos produtos que poderemos chamar de ‘produtos-reis’.

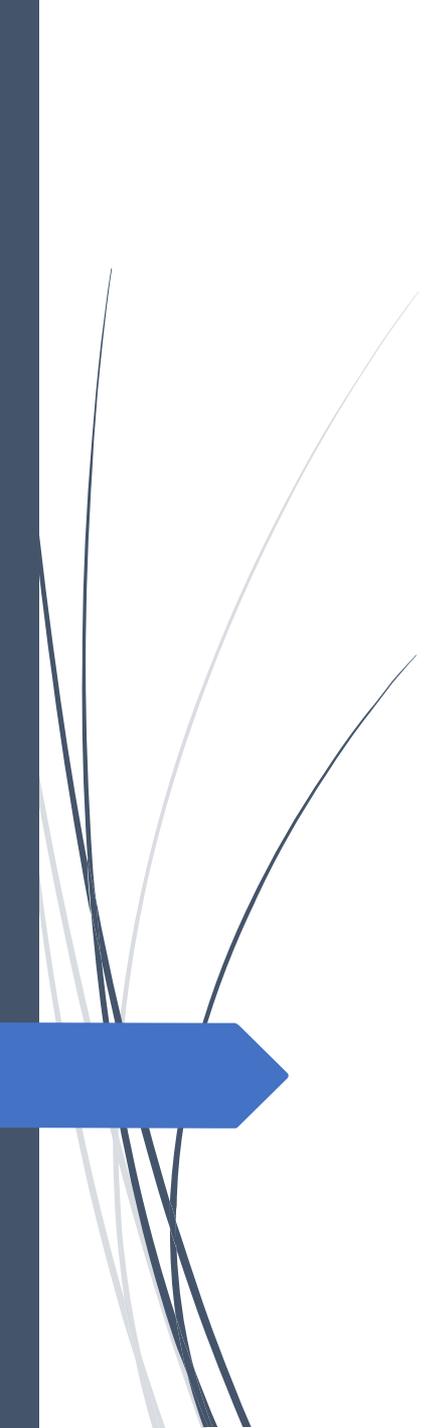


Açúcar, cacau, ouro, fumo, borracha, café – cada um desses produtos tem o seu lugar na história do país e foram, cada um no seu tempo, o ‘eixo’ da economia nacional (ou estadual), dando ao Brasil uma supremacia mundial temporária.

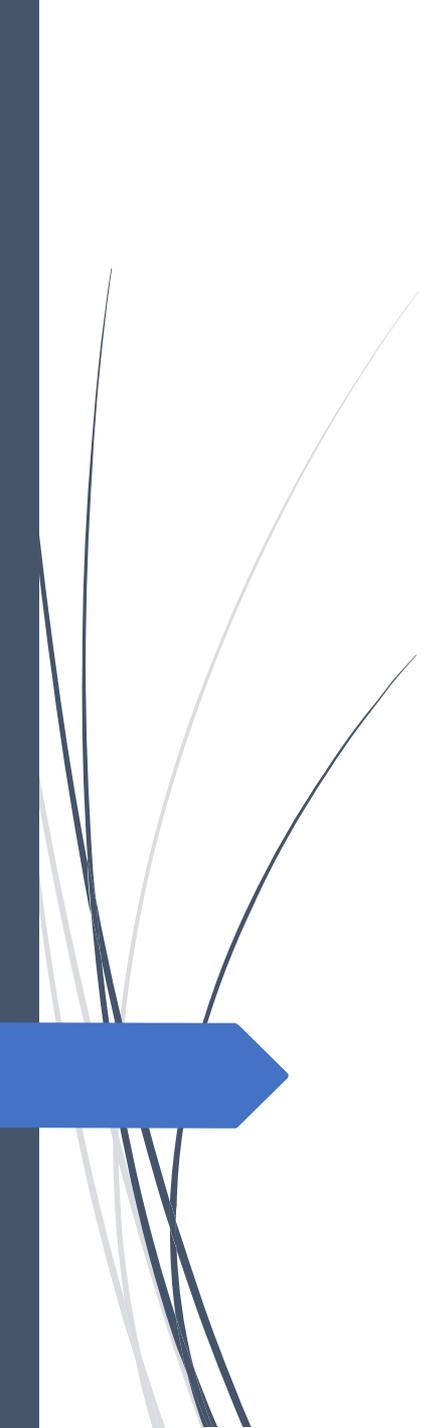


Roberto Simonsen e seus “ciclos”

- ▶ História Econômica do Brasil, 1500-1820 (1937)
- ▶ Considerado o ápice da teoria dos ciclos
- ▶ Jacob Gorender: “foi com a História econômica do Brasil, de Roberto Simonsen, que a teoria dos ciclos atingiu seu acabamento”
- ▶ Francisco Iglésias: “Vale mais como estudos de diferentes aspectos que visão de conjunto, pois lhe falta o sentido de totalidade”



[...] ciclo, fase ou época aparecem como termos sinônimos cuja função central é de periodizar ou, por outra, organizar logicamente (e de acordo com uma cronologia estabelecida previamente) as diversas matérias. Em suma, é um recurso do historiador visando à organização expositiva da matéria. [...]

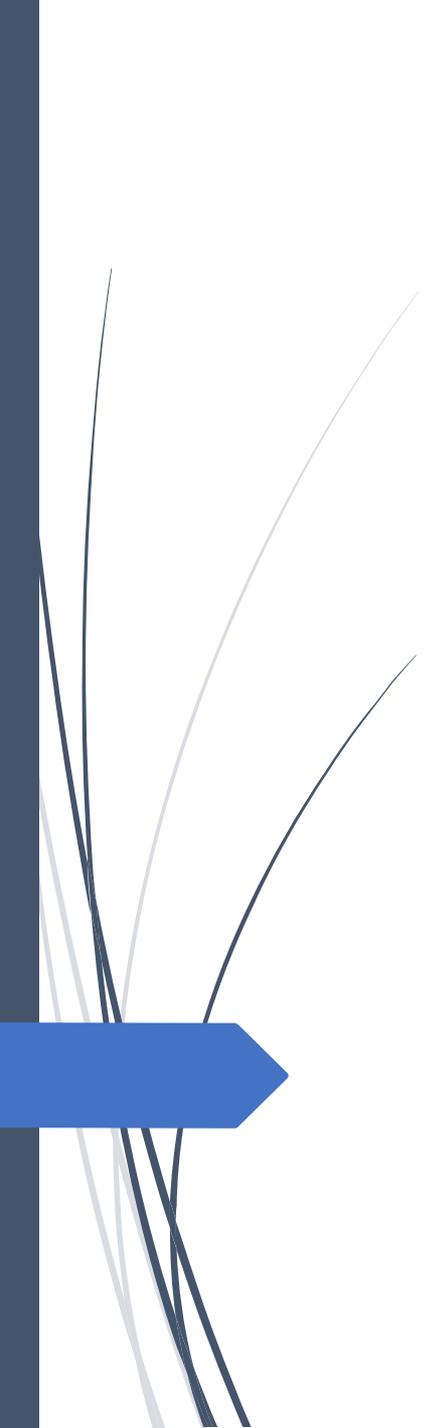


Entretanto, tal concepção só tem favorecido uma visão compartimentada e estanque da história, como numa projeção de diapositivos: sai o pau-brasil, entra o açúcar e assim por diante. Durante o período de dominância do ouro ou dos diamantes, o aluno de história [...] poderia indagar se o açúcar, ou mesmo o Nordeste, continua existindo.



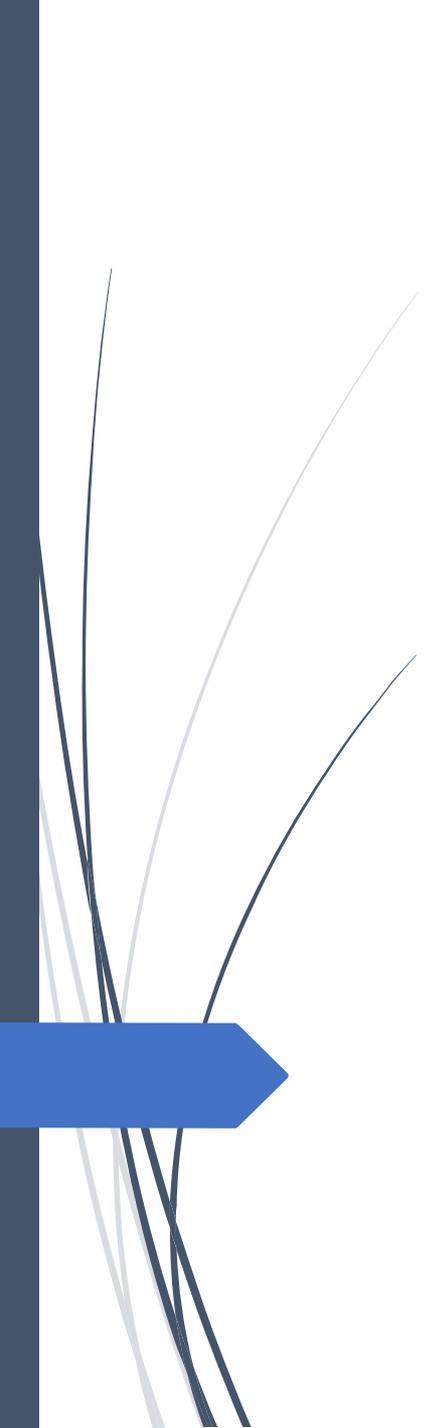
Caio Prado Júnior e o “amálgama” dos ciclos

- ▶ Formação do Brasil Contemporâneo: colônia (1942)
- ▶ Francisco Iglésias: Caio Prado considerou “o processo econômico globalmente”; “tem-se quadro harmonioso com a conjugação perfeita de suas partes”
- ▶ Jacob Gorender: observou os ciclos como “manifestações sequenciais de algo mais profundo, de uma realidade permanente e imanente – a estrutura exportadora da economia colonial”
- ▶ Alice Piffer Canabrava: “[...] mostrou que, sob as formas variáveis da produção colonial, estava subjacente uma estrutura homogênea, única”

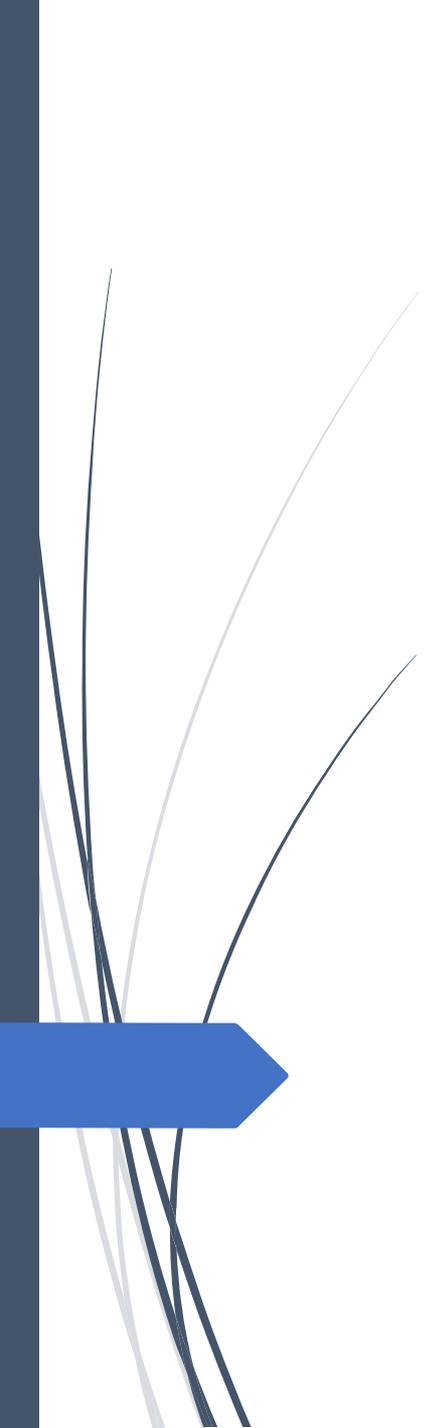


O Sentido da Colonização

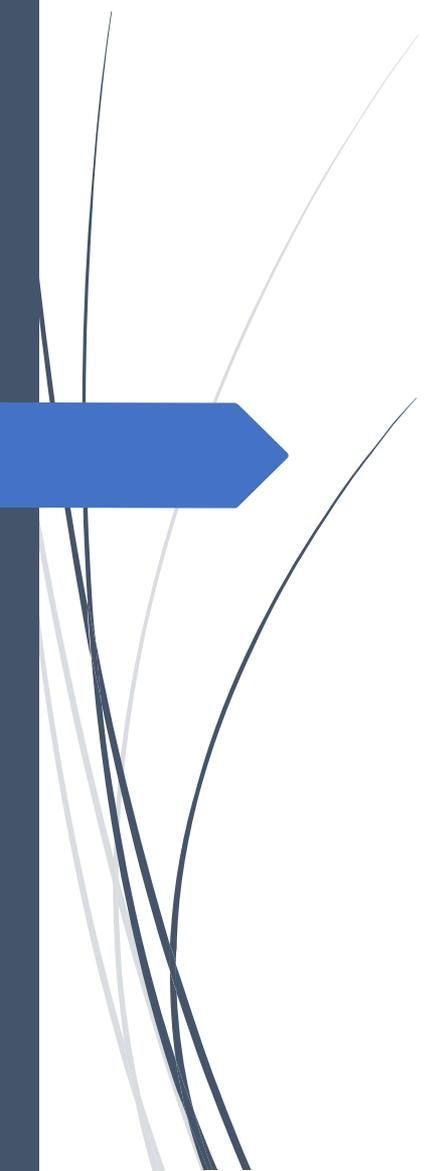
Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo “sentido”. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo.



[...] insere o Brasil, sua descoberta e colonização, como parte do grande movimento encetado pelo capital mercantil, graças às descobertas e avanços tecnológicos com que se aceleram e se mundializam as comunicações.



Essas conclusões, sistematizadas numa visão clara do sistema e do sentido com que radiografa a colonização, exerceriam forte influência em muitos autores que vieram depois dele, o que demonstra mais uma vez a sementeira que fez.

A decorative graphic on the left side of the slide. It features a solid blue arrow pointing to the right, positioned horizontally. Behind the arrow and extending upwards and to the right are several thin, curved lines in shades of blue and grey, creating a sense of movement or flow.

O paradigma pradiano



Da expansão comercial à colonização das terras americanas

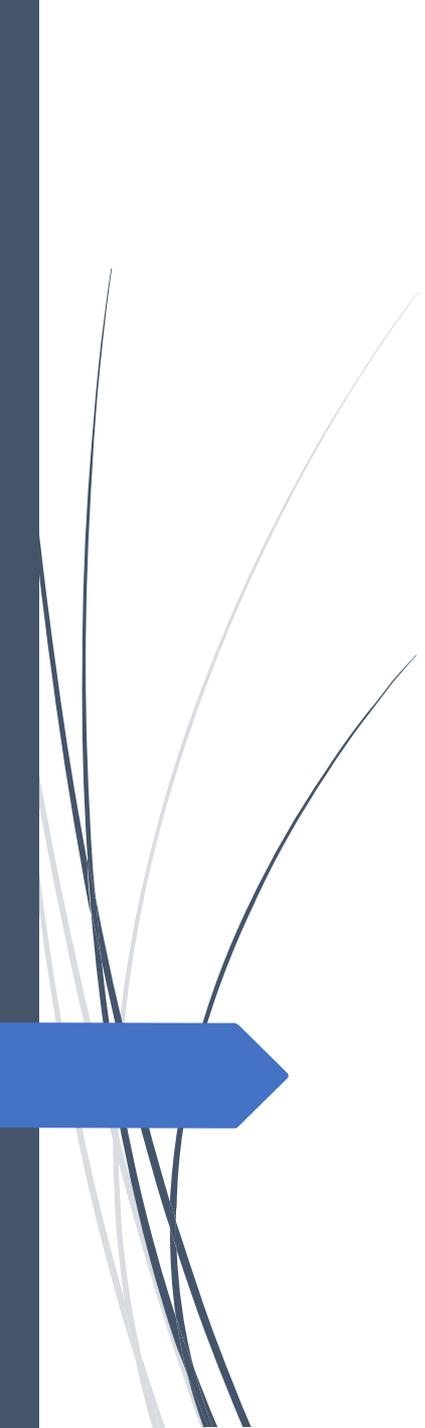
- ▶ Expansão comercial europeia no contexto da transição do feudalismo para o capitalismo
- ▶ O pioneirismo de Portugal
- ▶ Colonização americana toma aspecto de uma “vasta empresa comercial”
 - ▶ O colonizador é o traficante, o empresário e não o povoador
 - ▶ A economia colonial tem caráter predatório



——— Land routes
 ——— Sea
 ——— of the Hanseatic League (Hansa)
 ——— Venetians (In possession, also, of most of the commerce in the Black-Sea.)
 ——— Genoese
 ++++ Centres of the Hanseatic League
 Libeck Foreign offices of the
 Bergen Foreign offices of the
 Soest Cities belonging to
 Dieppe Foreign cities in which the Hanseatic League, or any of its members, possessed trading privileges
 Principal markets and fairs
 Alpine passes. For further details in reference to the Alpine passes used in the Middle Ages, see p. 91.

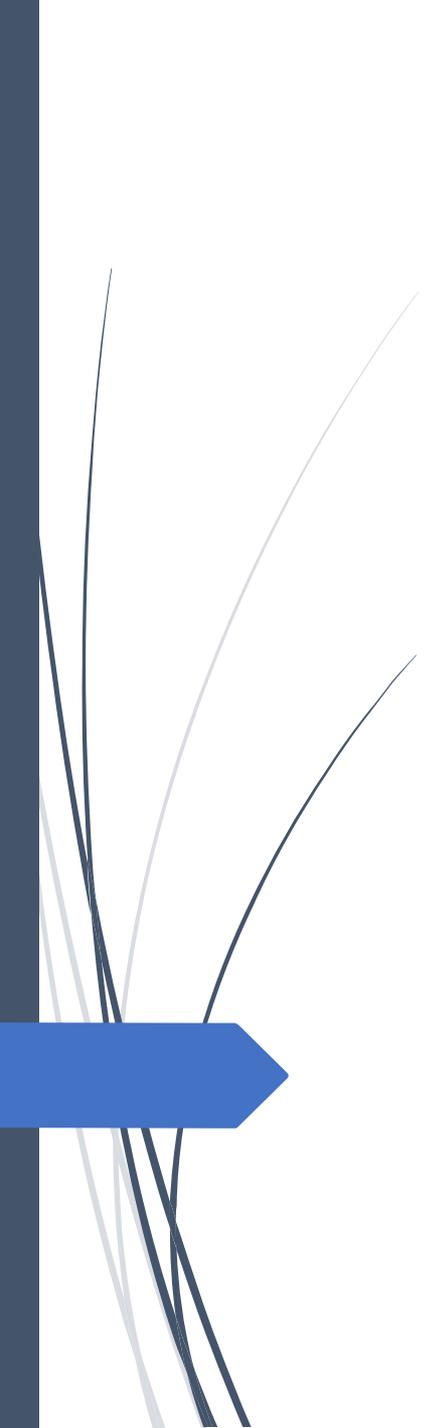
Scale 1:20,000,000

Miles 0 100 200 300 400



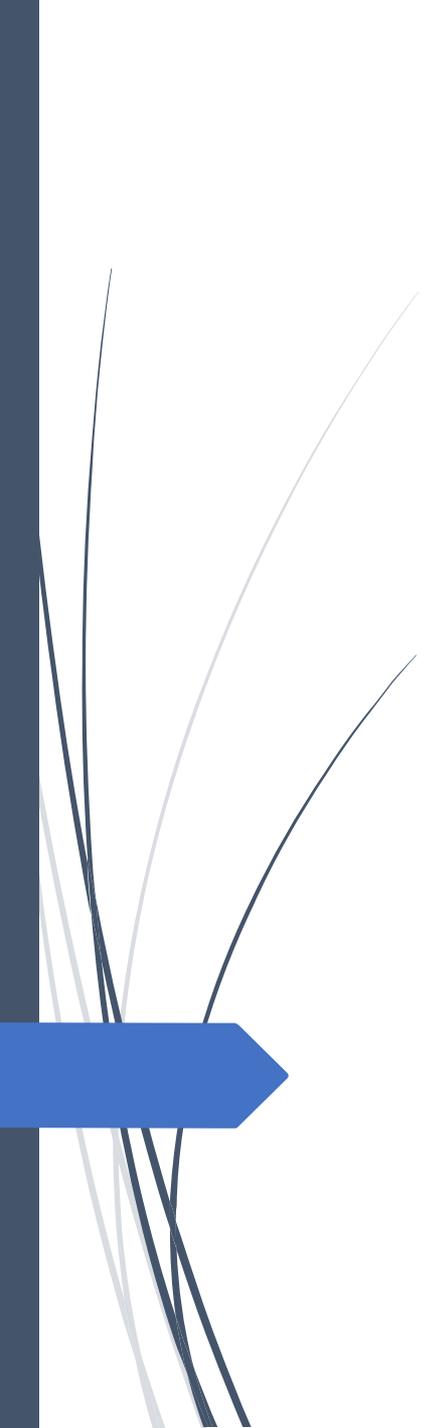
[...] o caráter tropical da terra, os objetivos que animam os colonizadores, as condições gerais dessa nova ordem econômica do mundo que se inaugura com os grandes descobrimentos ultramarinos [...]

São estes, em última análise, os fatores que vão determinar a estrutura agrária do Brasil-colônia.

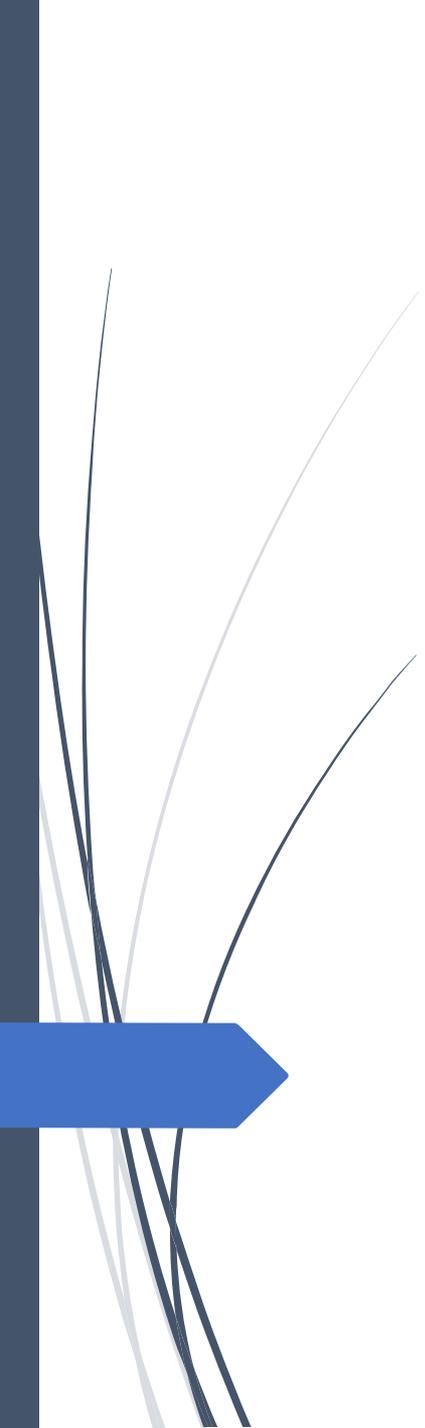


Na agricultura [...] o elemento fundamental será a grande propriedade monocultural trabalhada por escravos [...]

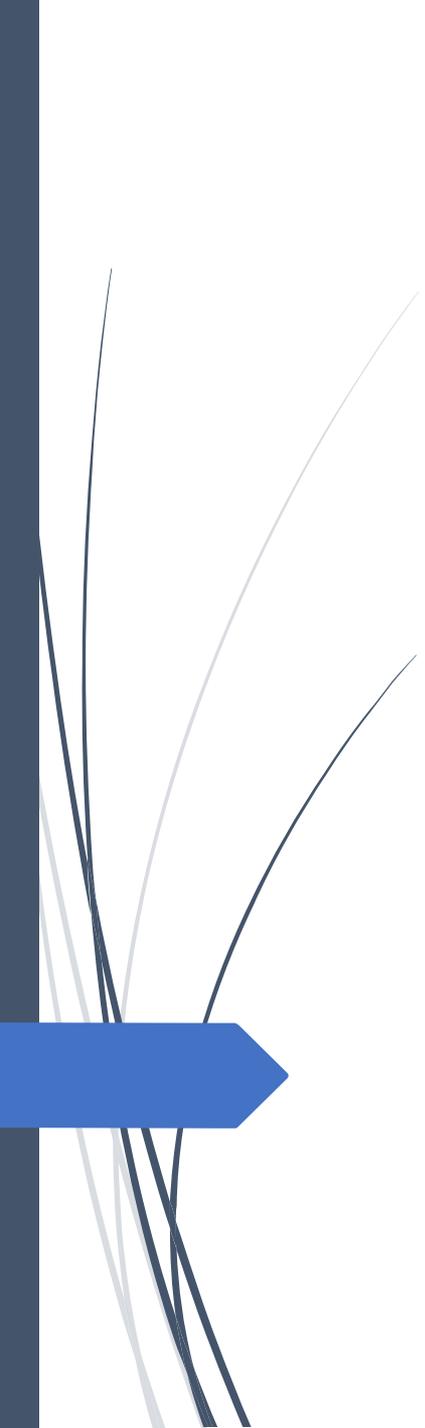
A grande exploração agrária – o engenho, a fazenda –, é consequência natural e necessária de tal conjunto; resulta de todas aquelas circunstâncias que concorrem para a ocupação e aproveitamento deste território que havia de ser o Brasil [...]



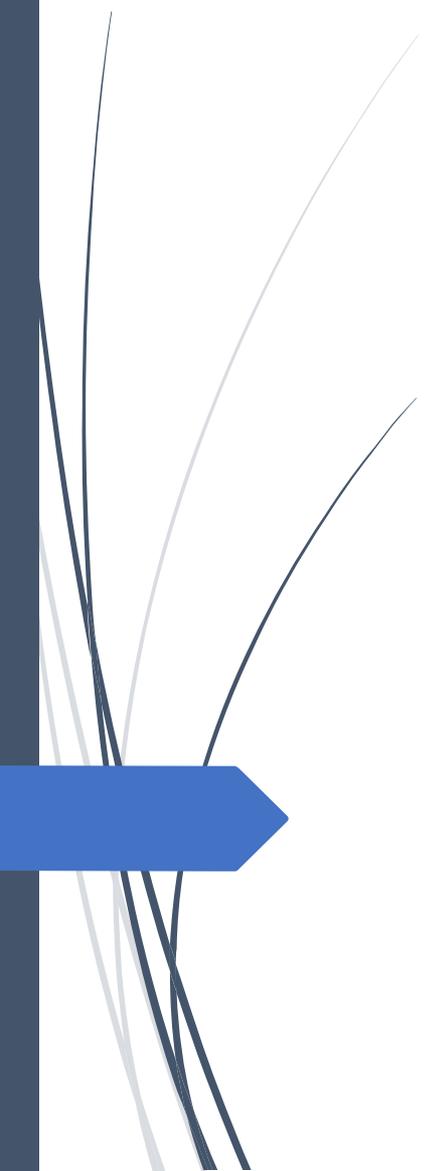
A monocultura acompanha necessariamente a grande propriedade tropical; os dois fatos são correlatos e derivam das mesmas causas. A agricultura tropical tem por objetivo único a produção de certos gêneros de valor comercial e por isso altamente lucrativos. [...] É fatal portanto que todos os esforços sejam canalizados para aquela produção.



Com a grande propriedade monocultural instala-se no Brasil o trabalho escravo. Não só Portugal não contava população suficiente para abastecer a colônia de mão de obra, como também, já o vimos, o português, como qualquer outro colono europeu, não emigra para os trópicos, em princípio, para se engajar como simples trabalhador assalariado do campo.



A escravidão torna-se assim necessidade: o problema e a solução foram idênticos em todas as colônias tropicais e mesmo subtropicais da América.

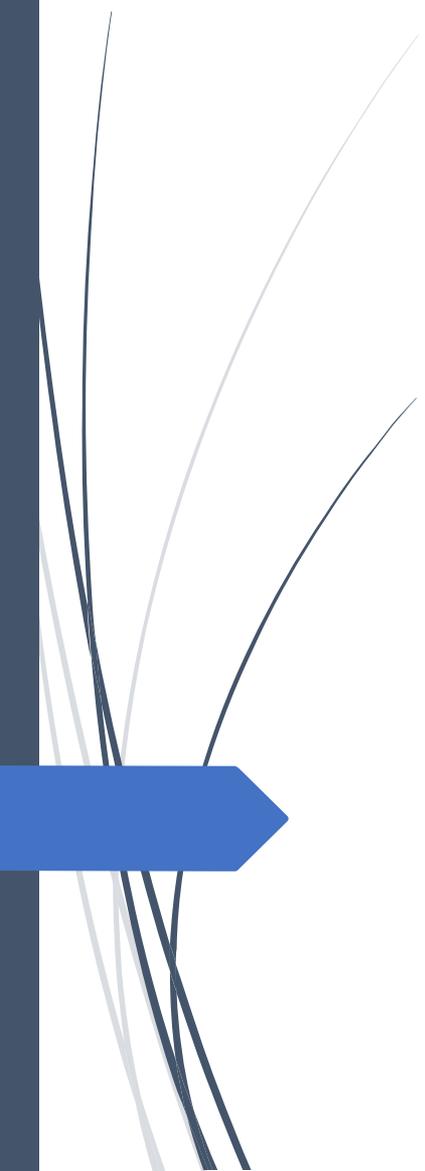


Completam-se assim os três elementos constitutivos da organização agrária do Brasil colonial: a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo. Estes três elementos se conjugam num sistema típico, a “grande exploração rural” [...] é isto que constitui a célula fundamental da economia agrária brasileira.



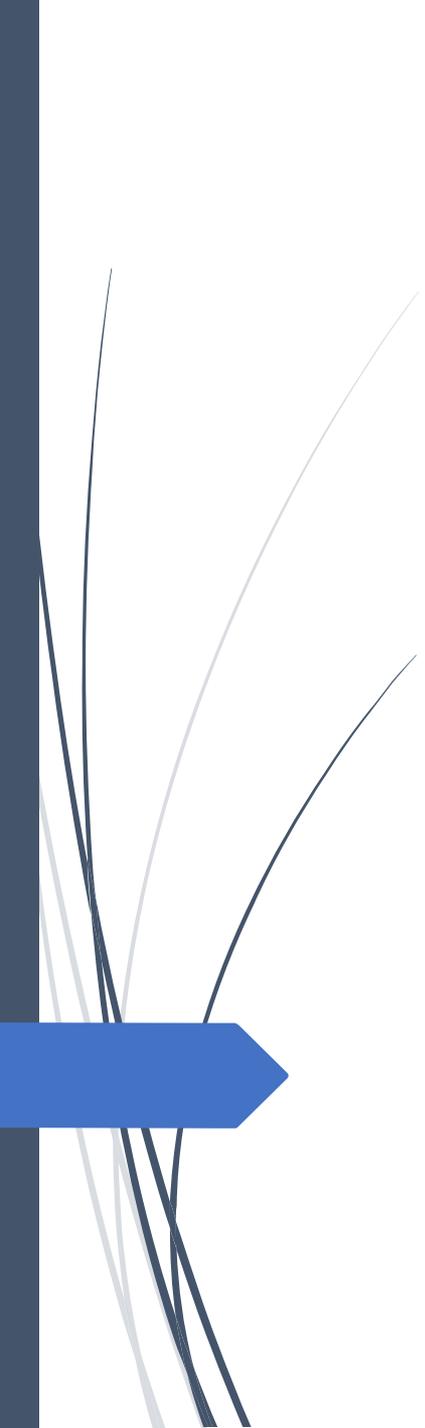
A organização das demais atividades econômicas

E consequências sociais dessa estrutura

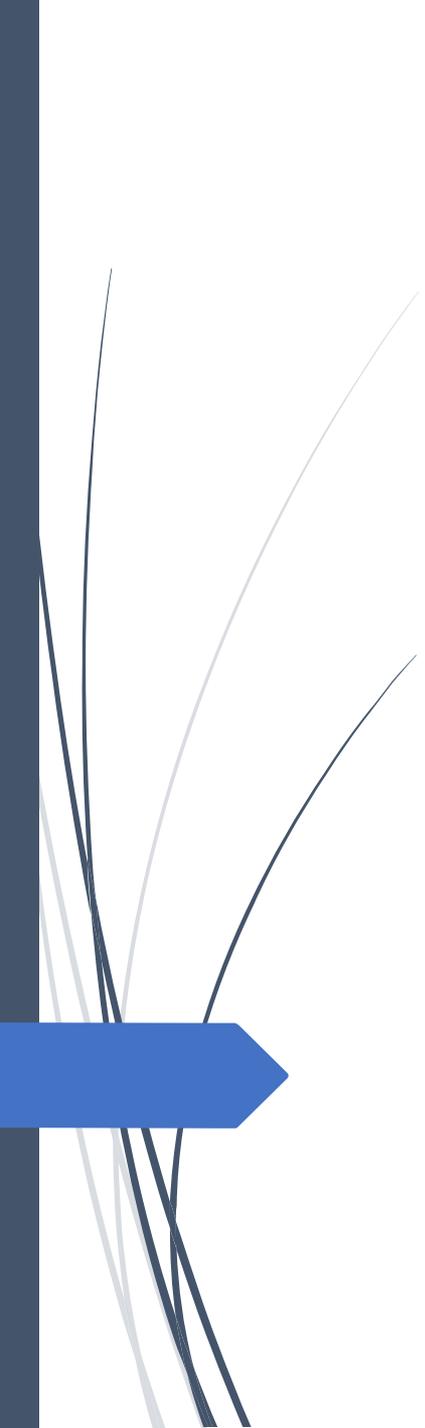


O ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado de muitos.

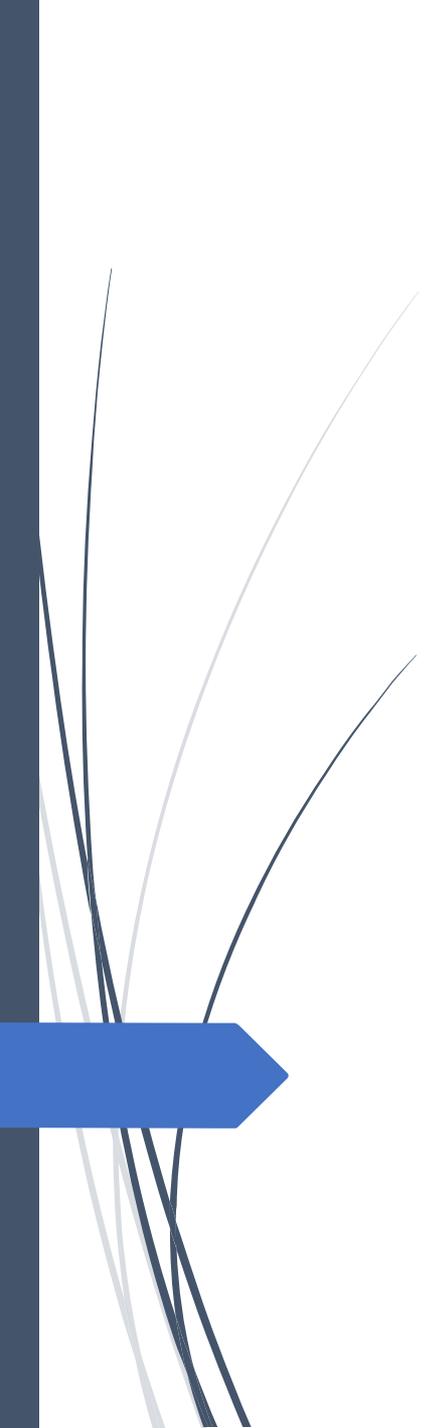
(ANDREONI, João Antonio (Antonil). Cultura e opulência do Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967. Texto da edição de 1711, p. 139)



O traço essencial das grandes lavouras é, como afirmei, a exploração em larga escala. Cada unidade produtora, conjugando áreas extensas e numerosos trabalhadores, constitui-se como uma usina, com organização coletiva do trabalho e mesmo especializações.

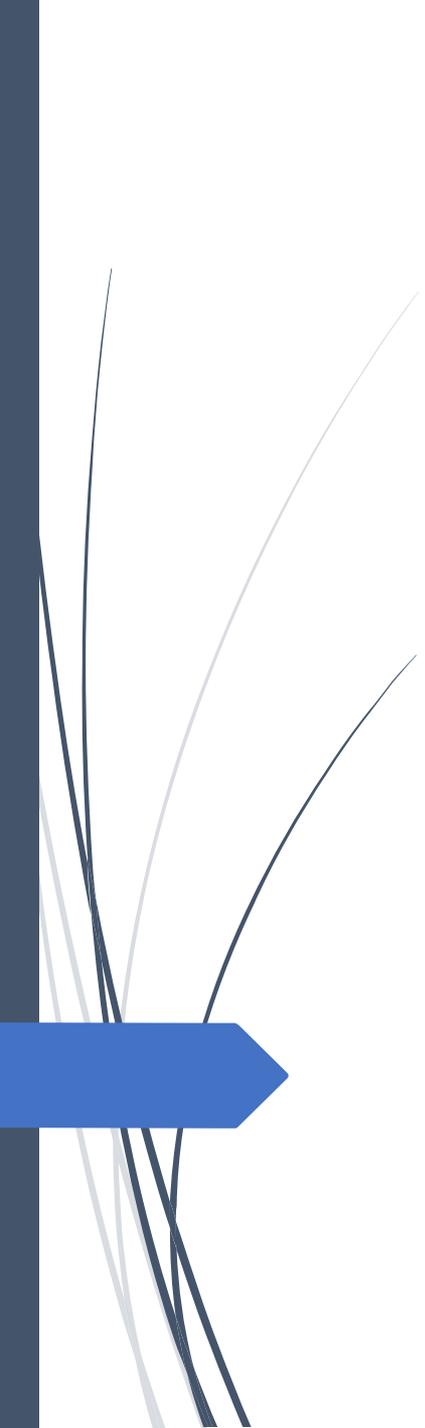


[...] a mineração, que a partir do século XVIII formará a par da agricultura entre as grandes atividades da colônia, adotará uma organização que afóra as distinções de natureza técnica, é idêntica à da agricultura [...] É ainda a exploração em larga escala que predomina: grandes unidades trabalhadas por escravos.



[o extrativismo] Organizar-se-á de forma diferente, porque não terá como base a propriedade territorial. [...] Trata-se em suma de uma exploração primitiva e rudimentar [...]

Mas afora isto, a extração não se distingue, na organização do seu trabalho e estruturação econômica, dos demais setores da atividade colonial.

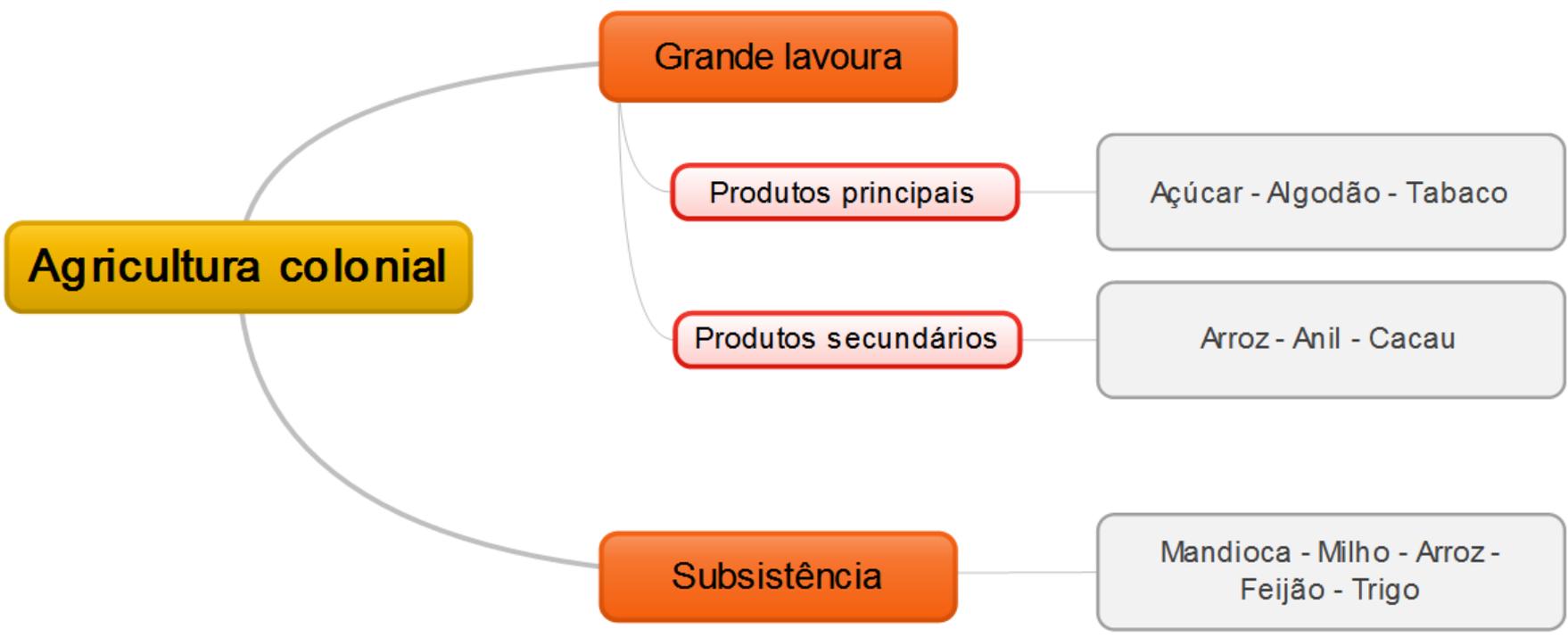


Além dessas atividades fundamentais [...] poderíamos acrescentar outras, como a pecuária, certas produções agrícolas, em suma aquelas atividades que não têm por objeto o comércio externo, como as que acabamos de ver. Mas não podemos colocá-las no mesmo plano, pois pertencem a outra categoria, e categoria de segunda ordem.



Grande Lavoura versus Agricultura de Subsistência

- ▶ Técnicas agrícolas: “rotina e ignorância”
- ▶ Considerações válidas para as duas atividades
 - ▶ Observação: ele considera o Antonil como fonte para falar sobre os engenhos arcaicos
 - ▶ Agricultura em geral: monjolo e roda d’água
 - ▶ Técnicas rudimentares no beneficiamento do algodão
- ▶ O problema da “subsistência” e do “autoconsumo”



Agricultura colonial

Grande lavoura

Produtos principais

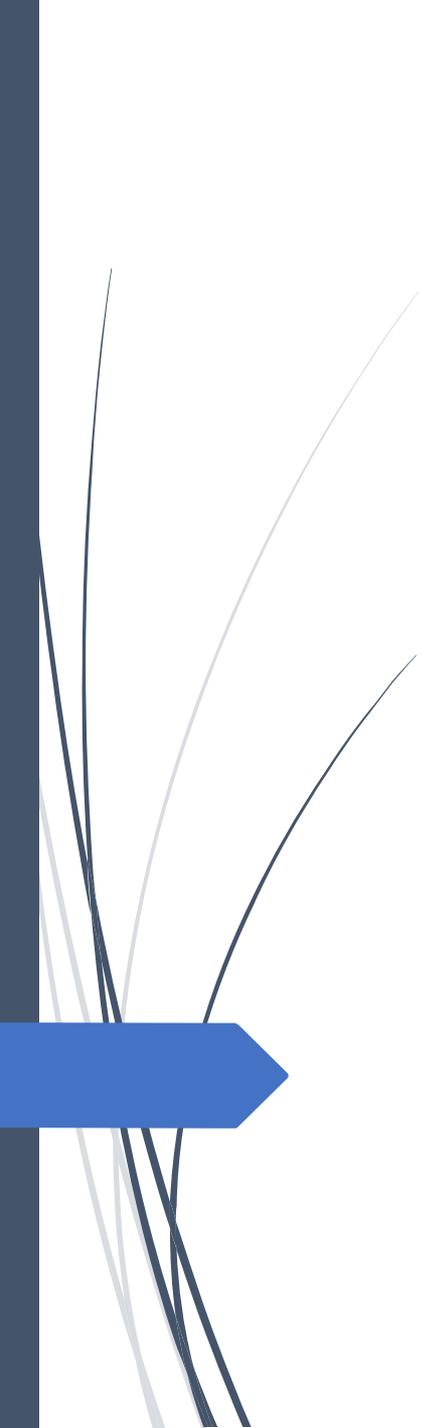
Açúcar - Algodão - Tabaco

Produtos secundários

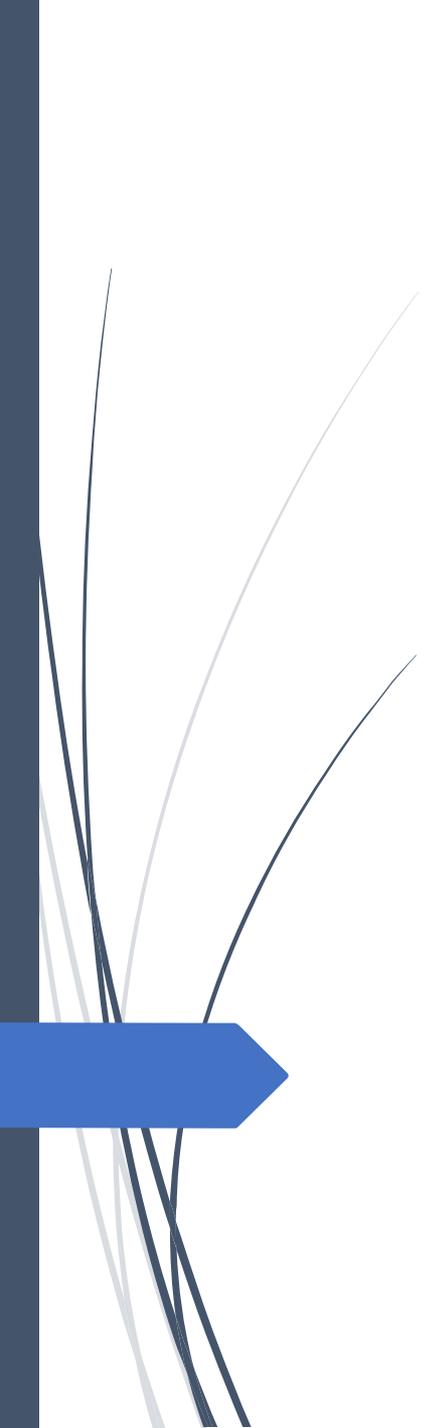
Arroz - Anil - Cacau

Subsistência

Mandioca - Milho - Arroz -
Feijão - Trigo



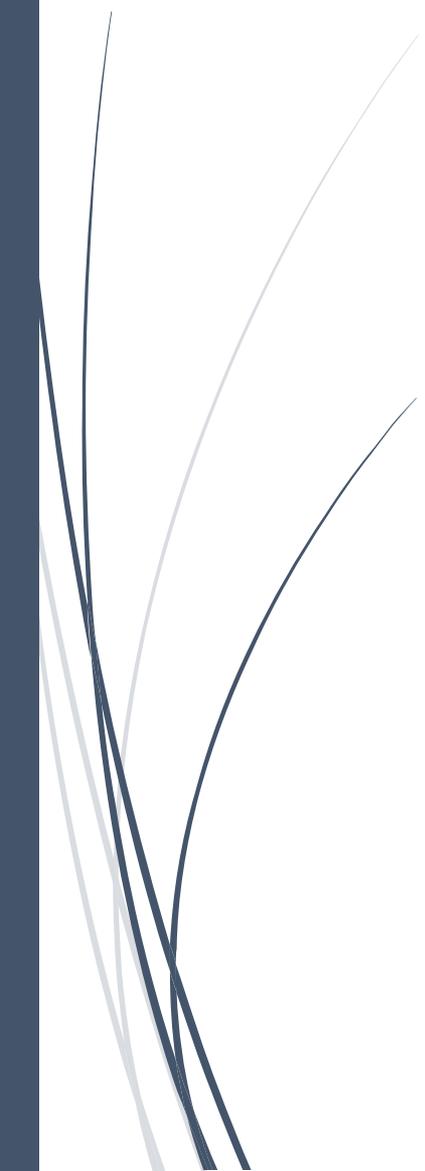
A mediocridade desta mesquinha agricultura de subsistência que praticam, e que nas condições econômicas da colônia não podia ter senão este papel secundário e de nível extremamente baixo, leva para elas, por efeito de uma espontânea seleção social, econômica e moral, as categorias inferiores da colonização.

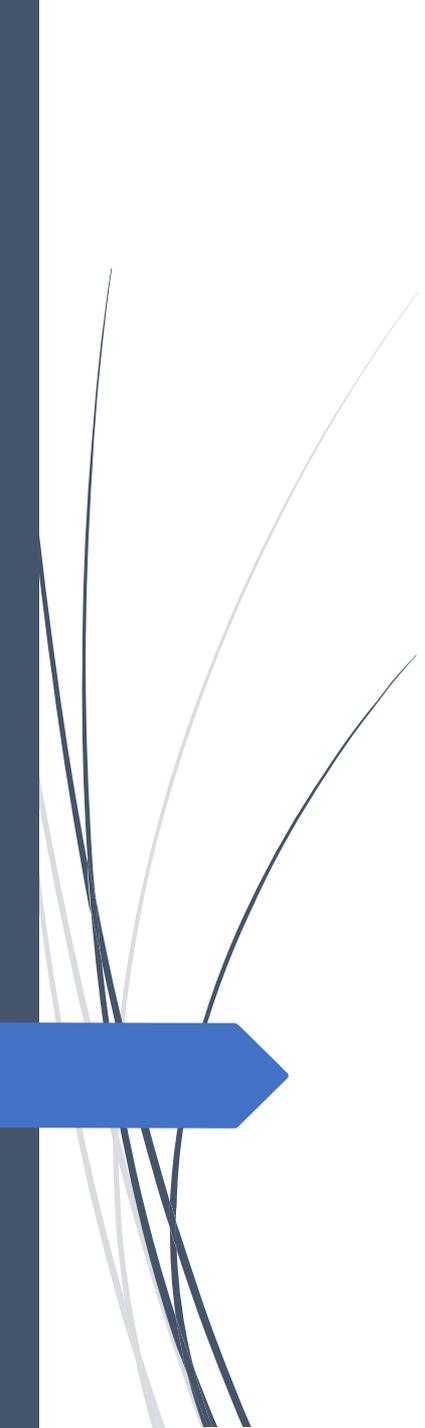


Não encontramos aí, por via de regra, senão um elemento humano, residual, sobretudo mestiços do índio que conservaram dele a indolência [...] Ou então brancos degenerados e decadentes.

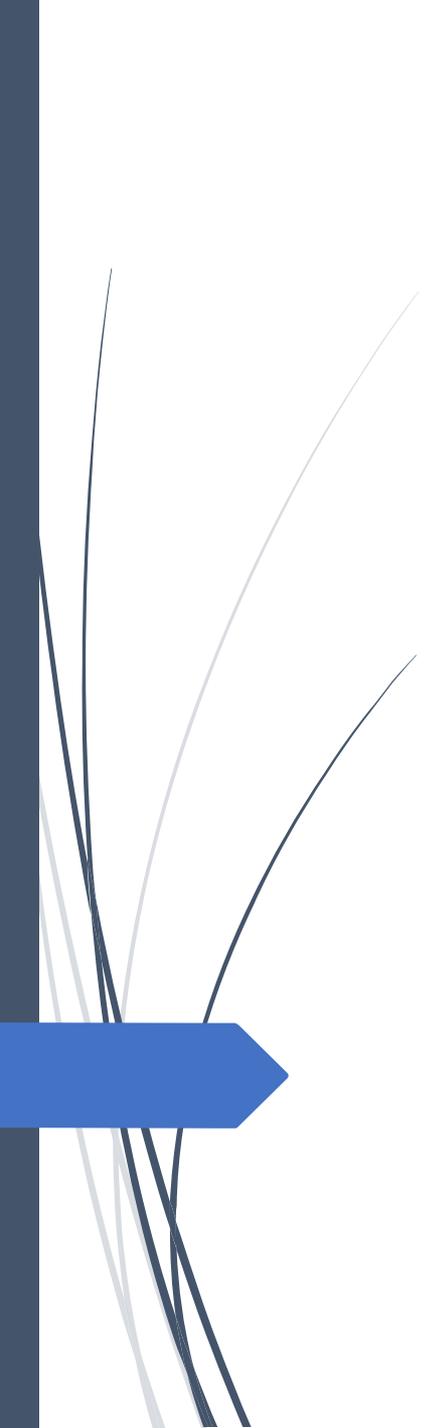


Consequências dessa estrutura

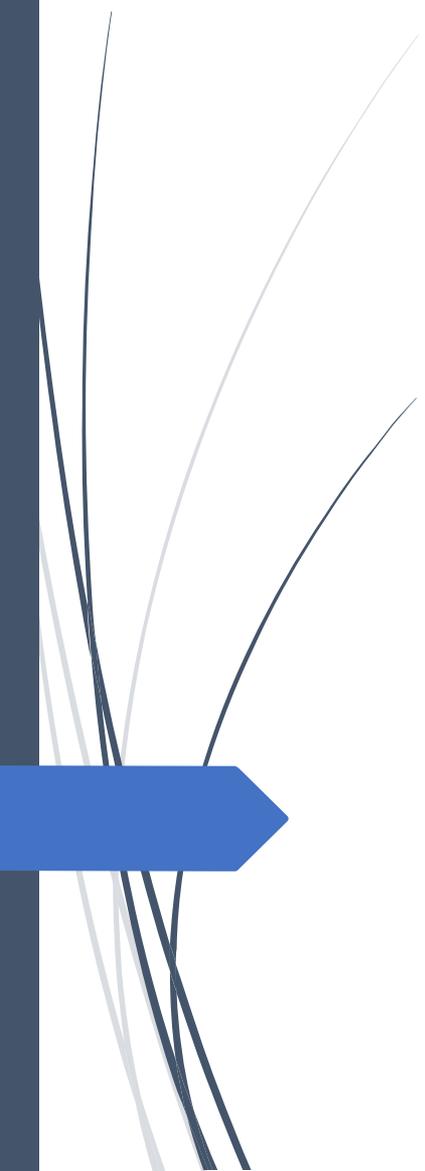
- ▶ Concentração da riqueza
 - ▶ Economia voltada para fora: fornecendo gêneros tropicais para o comércio europeu
 - ▶ Sociedade dicotômica: senhores e escravos
 - ▶ “Formas inorgânicas”: à margem da estrutura
 - ▶ Evolução cíclica
- 



De tudo isto resultará uma consequência final, e talvez a mais grave: é a forma que tomou a evolução econômica da colônia. Uma evolução cíclica, tanto no tempo como no espaço, em que se assiste sucessivamente a fases de prosperidade estritamente localizadas, seguidas, depois de maior ou menor lapso de tempo, mas sempre curto, do aniquilamento total.



Em suma, o que se verifica é que os meios de vida, para os destituídos de recursos materiais, são na colônia escassos. Abre-se assim um vácuo imenso entre os extremos da escala social: os senhores e os escravos; a pequena minoria dos primeiros e a multidão dos últimos.

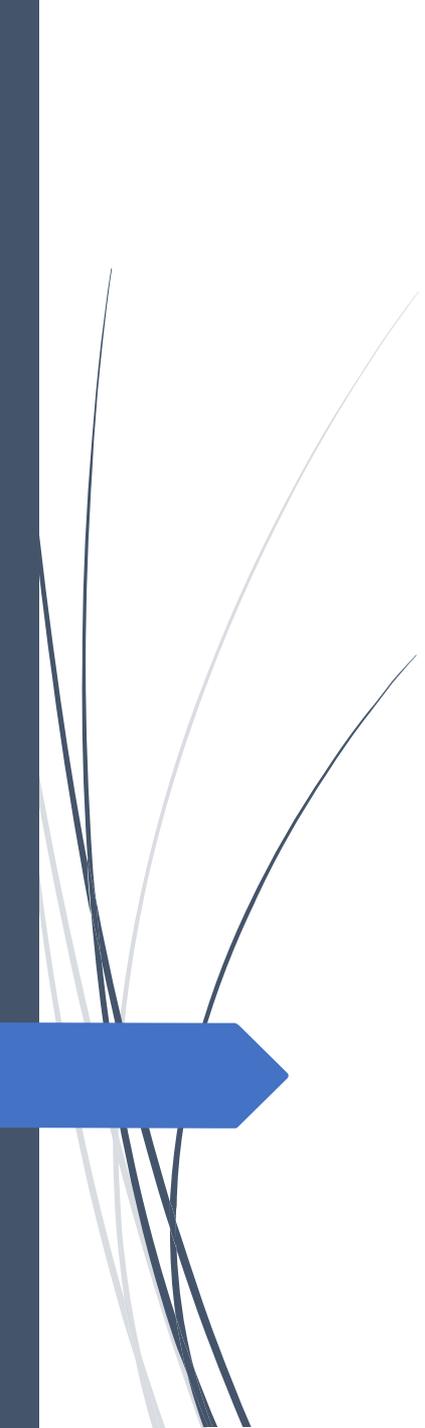


Entre estas duas categorias nitidamente definidas e entrosadas na obra da colonização comprime-se o número, que vai avultando com o tempo, dos desclassificados, dos inúteis e inadaptados; indivíduos de ocupações mais ou menos incertas e aleatórias ou sem ocupação alguma.

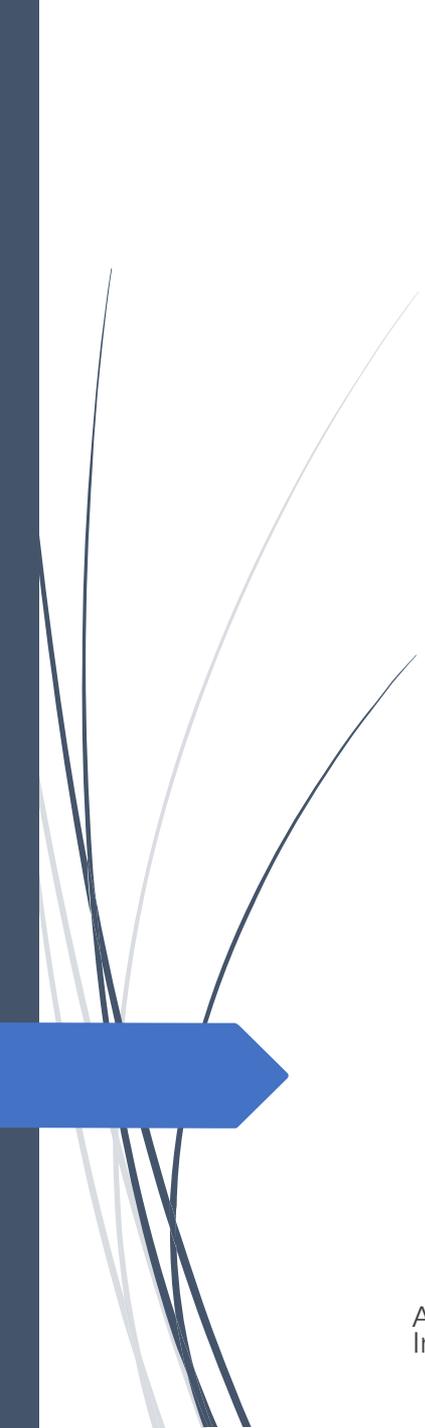


A mestiçagem e o problema das raças dominantes

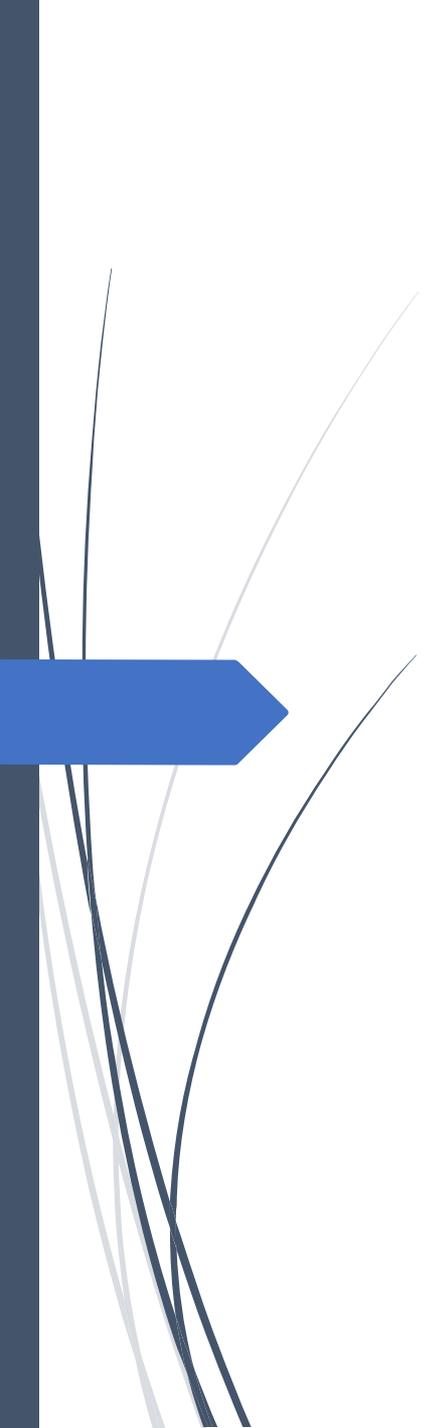
- ▶ Conceitos de raças dominantes e dominadas
- ▶ O branco aparece como superior às demais, mas superior que corrompe
- ▶ Miscigenação como resultado das necessidades sexuais da raça branca dominante



A mestiçagem brasileira é antes de tudo uma resultante do problema sexual da raça dominante, e tem por centro o colono branco. Neste cenário em que três raças, uma dominadora e duas dominadas, estão em contato, tudo naturalmente se dispõe ao sabor da primeira, no terreno econômico e no social, e em consequência no das relações sexuais também.

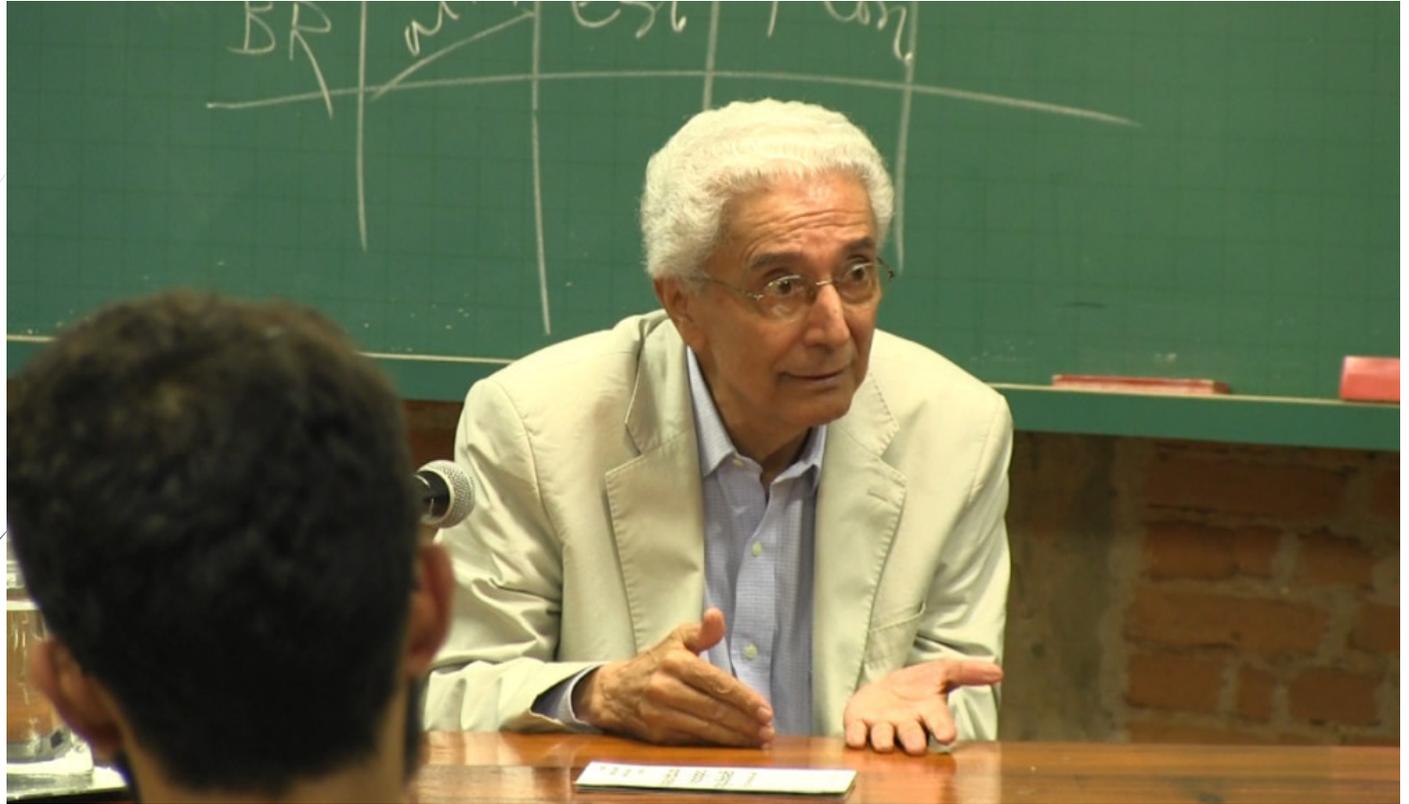


Sobre os escravos negros e o seu trabalho, embora ao longo do livro haja mais de uma passagem aparentemente preconceituosa, procura distinguir o negro do escravo, pois a seu ver a escravidão conseguiu anular, esterilizar o que havia de positivo no negro, enquanto que a falta de organização social (organização fundamental do país) atingiu negros e índios gerando decorrências fatais: lascívia, ociosidade, inorganicidade. Foram assim degeneradas as raças envolvidas.



Fernando Novais

E o “Sentido Profundo da Colonização”

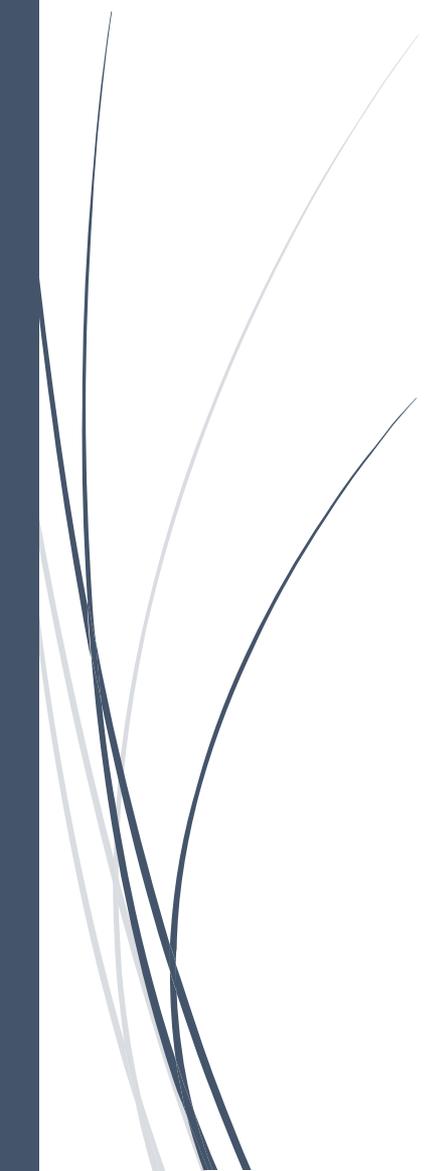


Fernando Antonio Novais

Guararema, São Paulo, 1933-



Ampliam-se os horizontes

- ▶ Caio Prado Júnior e o “Sentido da Colonização”
 - ▶ Portugal e sua colônia na América
 - ▶ Fernando Novais e seu “Sentido Profundo da Colonização”
 - ▶ As metrópoles europeia e suas colônias
- 

Tabula haec Repertois magni Brasilis est: ad partem occidentales
 humilis, abella regio dicitur: Bene usque eius ingreditur colorio.
 fere & immensissima caribus hinc hinc asportat. In eadem generam
 & ligna exegre untur: hic pteraci uerbi, sicuti aliam nominare a
 uero heraq; monstruole: et deumata plura genera reperitur: plu
 rimaq; arbor nalcitur que bestii nuncupata uerbis purpureo colo
 re nungenda opportuna censetur.





Zona frigida
Polarica

Rusia
Moscovia

AFRICA
AETHIOPIA

Zona Generalis
Septentrionalis

Zona frigida ex parte
polaricis

Asia Magna

Zona Generalis
Septentrionalis

Reyno de China

INDIA

Tropicus Cancri

Tropicus Cancri

Tropicus Cancri

Mar do Sul

Equinoctialis

Equinoctialis

Tropicus Capricorni

Tropicus Capricorni

Mar Indico

Tropicus Capricorni

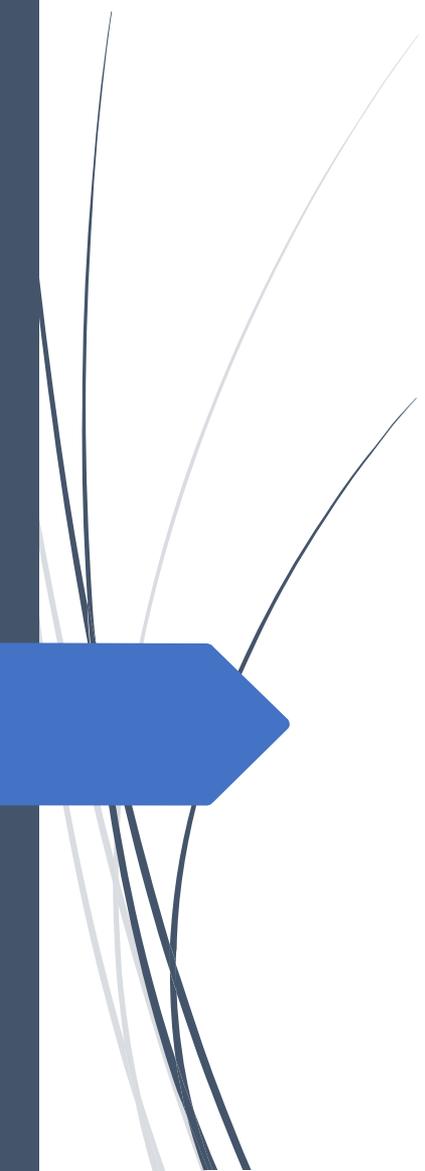
Mar Pacifico

Mar Meridional

Projeção Mercator

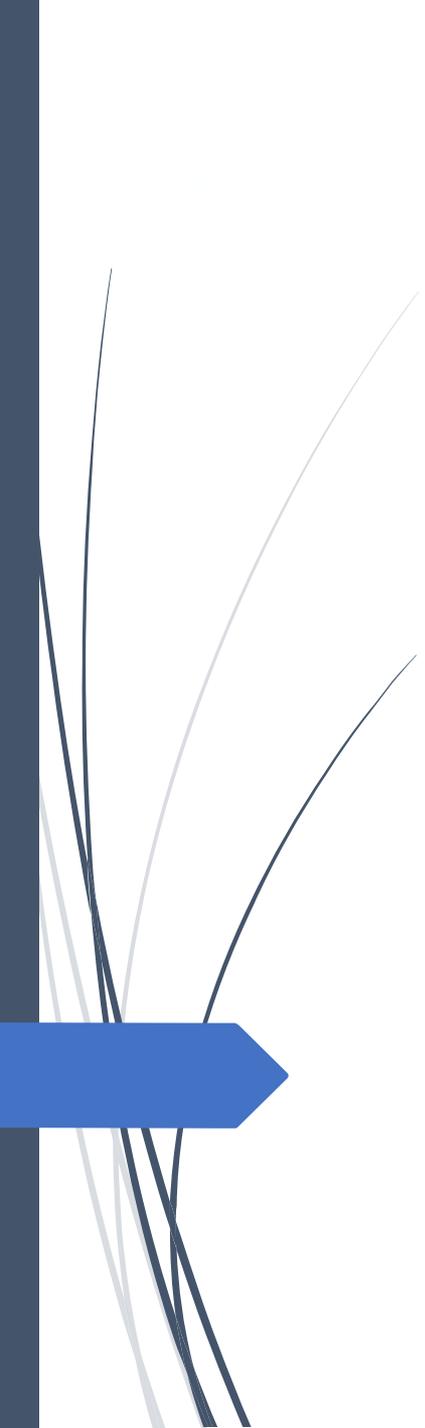
Projeção Mercator

WORLD MAP
BY
WILHELM MERRILL
1892



Retomando o paradigma pradiano

Caio Prado Júnior, Formação do Brasil Contemporâneo:
colônia



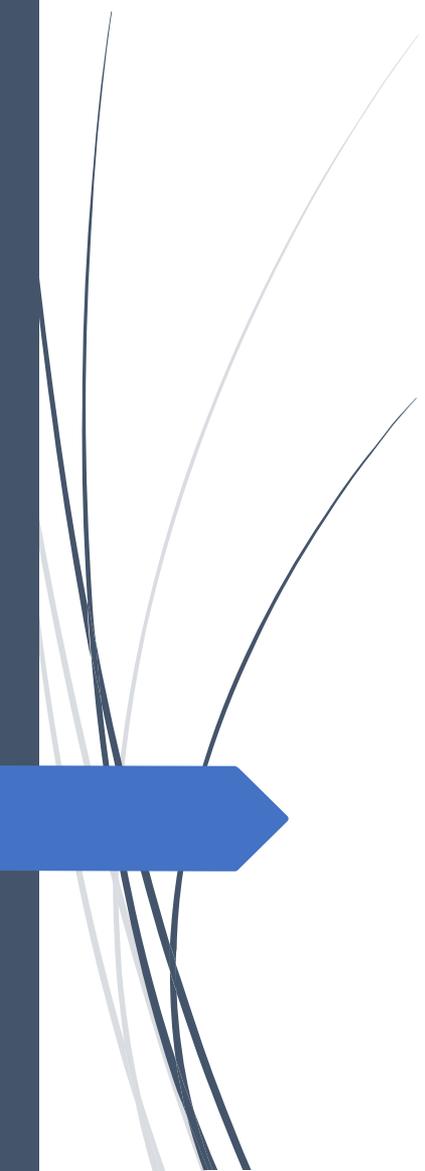
Realmente a colonização portuguesa na América não é um fato isolado, a aventura sem precedente e sem seguimento de uma determinada nação empreendedora [...]

É apenas a parte de um todo, incompleto sem a visão deste todo.



O “todo” de Caio Prado

- ▶ Nossa formação como parte de um amplo quadro
- ▶ Antecedentes históricos que não podem ser dispensados
 - ▶ Decadência do regime feudal
 - ▶ Renascimento do comércio
- ▶ Rotas comerciais terrestres ligando a Europa ao “orientes”
- ▶ Navegação pelo Mediterrâneo
- ▶ Traços iniciais do “sentido”



O primeiro reflexo desta transformação, a princípio imperceptível, mas que se revelará profunda e revolucionará todo o equilíbrio europeu, foi deslocar a primazia comercial dos territórios centrais do continente, por onde passava a antiga rota, para aqueles que formam a sua fachada oceânica: a Holanda, a Inglaterra, a Normandia, a Bretanha e a Península Ibérica.

ROTAS MARÍTIMAS DOS SÉCULOS XV E XVI



Escala aproximada na Linha do Equador
Projeção Cilíndrica

Legenda

Rotas dos navegadores portugueses

- Primeiras viagens
- Vasco da Gama
- Pedro Álvares Cabral

Rotas dos navegadores espanhóis

- Cristóvão Colombo
- Fernão de Magalhães e Sebastião Del Cano (primeira viagem de circunavegação)





Como resultado

- ▶ Objetivo comercial da colonização gera uma determinada estrutura
- ▶ Condições tropicais e atividades desenvolvidas condicionam o perfil do colonizador
- ▶ Resultado natural: a grande exploração rural
 - ▶ Grande propriedade
 - ▶ Monocultura
 - ▶ Trabalho escravo



Fernando Novais e o “sentido profundo da colonização”

Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial.

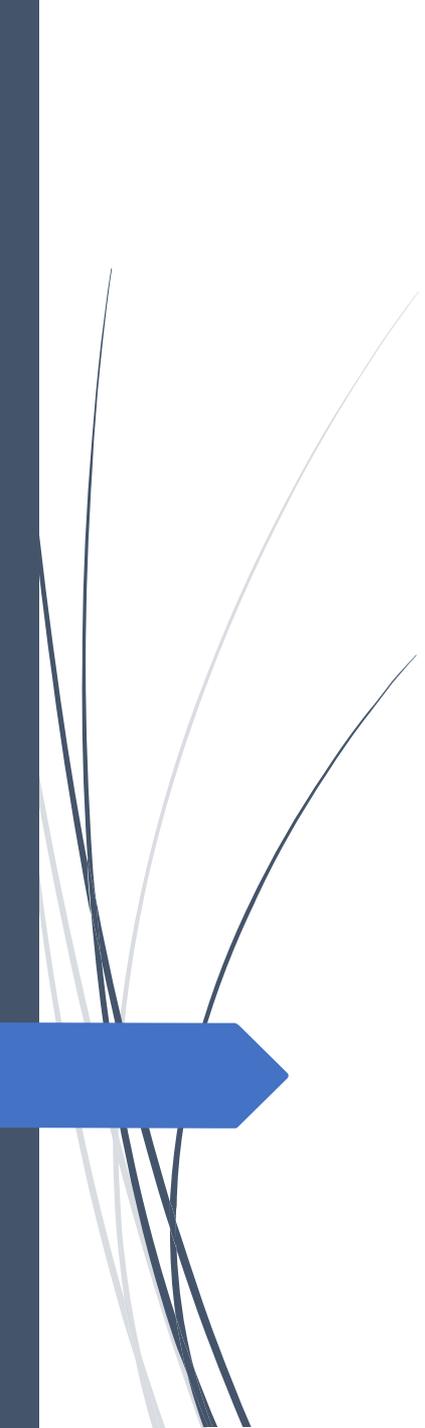


[...] e talvez o Brasil na expansão marítima europeia seja um recorte que apanhe apenas algumas dimensões da realidade, não levando o olhar até a linha do horizonte.



O sentido do “profundo”

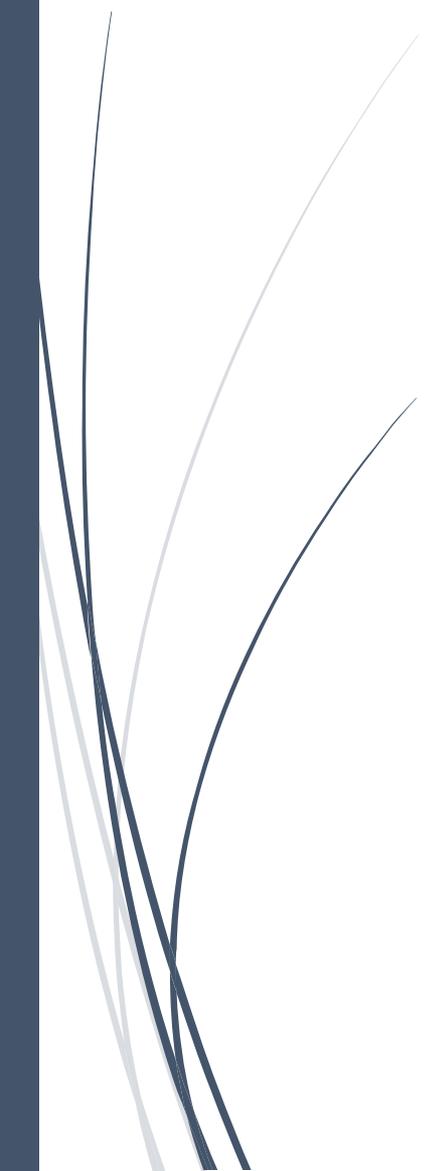
- ▶ Novais e Caio Prado: partem da expansão comercial europeia
- ▶ MAS, Novais trabalha outros temas:
 - ▶ Antigo Sistema Colonial
 - ▶ A colonização mercantilista
- ▶ Leva o olhar até a linha do horizonte: a gênese do capitalismo no mundo
- ▶ A colônia “Brasil” é colocada em perspectiva, compondo um cenário muito mais amplo

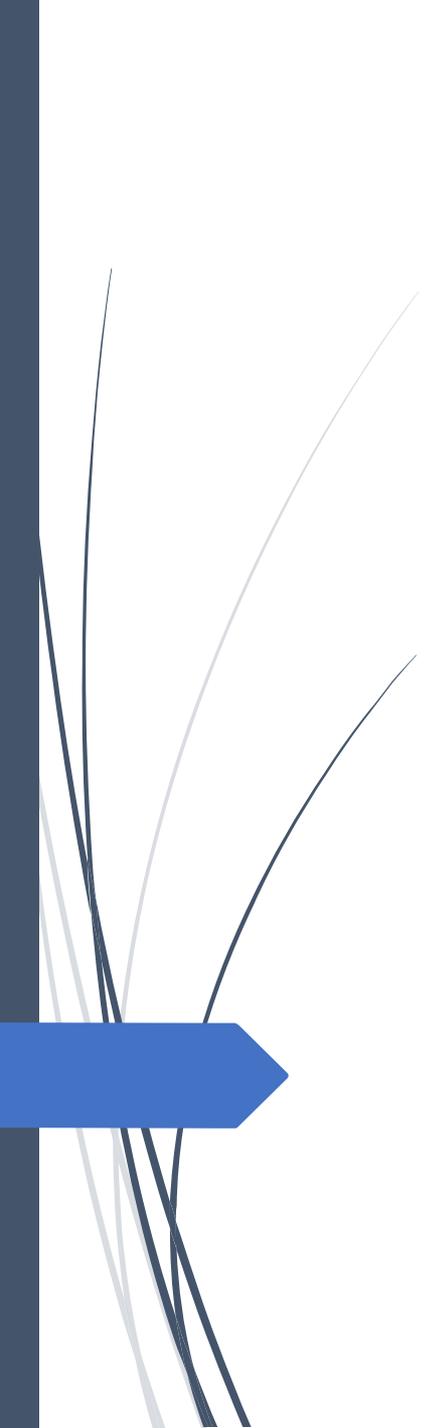


Nem toda colonização se processa, efetivamente, dentro dos quadros do sistema colonial; fenômeno mais geral, de alargamento da área de expansão humana no globo, pela ocupação, povoamento e valorização de novas regiões [...] a colonização se dá nas mais diversas situações históricas.

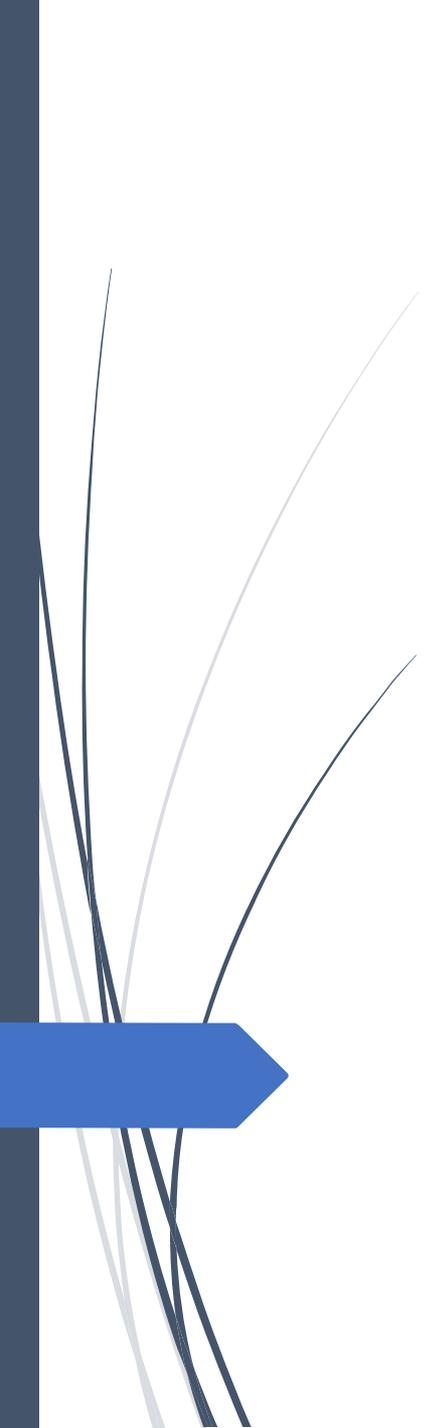


Primeira parte do argumento

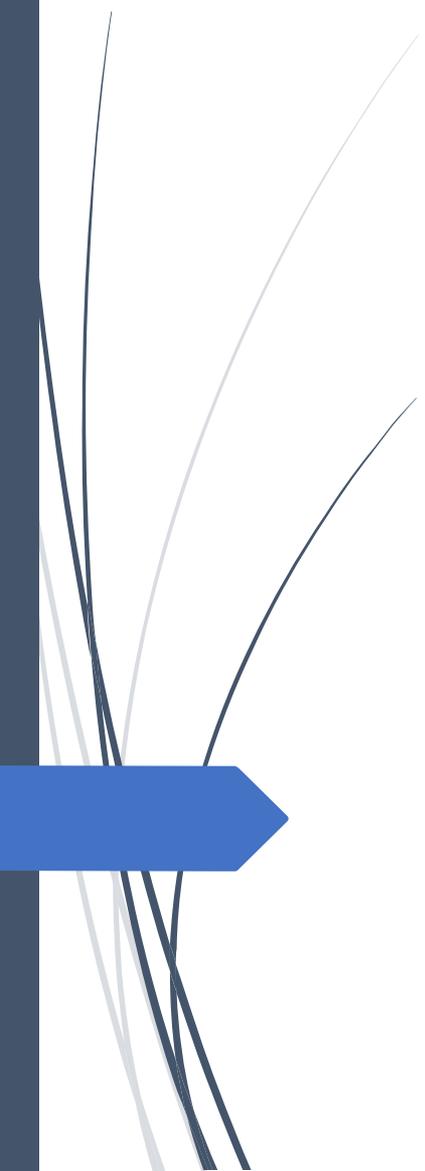
- ▶ Colonização com “denominadores comuns”
 - ▶ Extensa legislação comercial ultramarina das metrópoles
 - ▶ Intensa troca comercial entre essas mesmas metrópoles e suas colônias, e entre si
 - ▶ O contexto mercantilista-bulionista
- 



Nos Tempos Modernos, contudo, tal movimento se processa travejado por um sistema específico de relações, assumindo assim a ‘forma mercantilista de colonização’, e esta dimensão torna-se para logo essencial no conjunto da expansão colonizadora europeia. Noutras palavras, é o ‘sistema colonial do mercantilismo’ que dá sentido à colonização europeia entre os Descobrimentos Marítimos e a Revolução Industrial.



Neste contexto [mercantilismo], vê-se bem o significado e a posição das colônias. Elas devem constituir em retaguarda econômica da metrópole. [...] as colônias garantiriam a auto-suficiência metropolitana, meta fundamental da política mercantilista, permitindo assim ao Estado colonizador vantajosamente competir com os demais concorrentes.

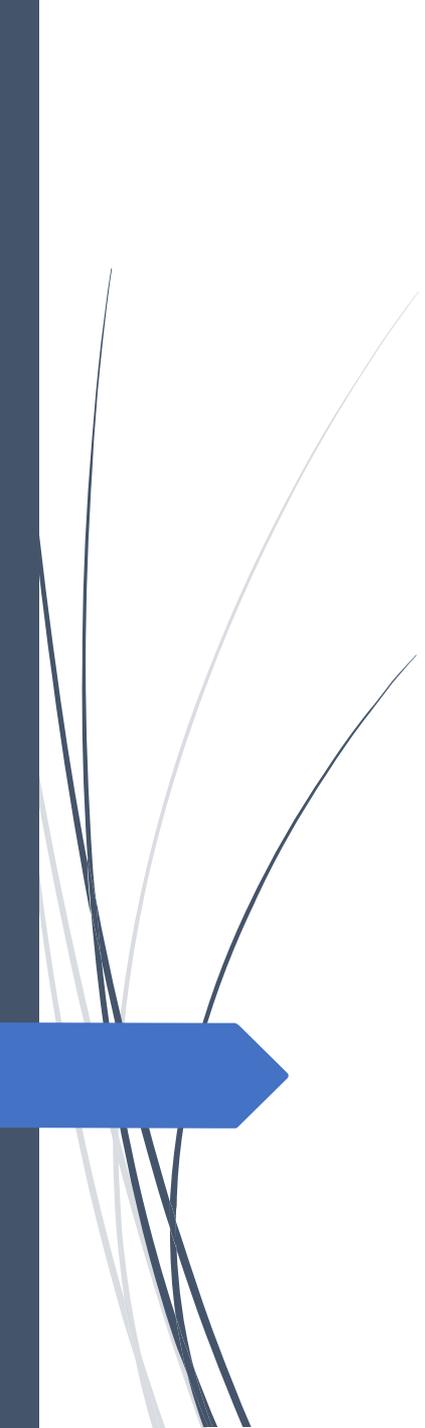


A colonização moderna portanto, como indicou incisivamente Caio Prado Jr., tem uma natureza essencialmente comercial: produzir para o mercado externo, fornecer produtos tropicais e metais nobres à economia europeia – eis, no fundo, o “sentido da colonização”.



Segunda parte do argumento

- ▶ Novais coloca o Antigo Sistema Colonial no contexto do Antigo Regime
- ▶ Antigo sistema colonial fomentando a acumulação primitiva de capital, por meio de:
 - ▶ Exclusivo metropolitano
 - ▶ Escravidão e tráfico negroiro



Absolutismo, sociedade estamental, capitalismo comercial, política mercantilista, expansão ultramarina e colonial são, portanto, partes de um todo, interação reversivamente neste complexo que se poderia chamar, mantendo um termo da tradição, “Antigo Regime”. São no conjunto processos correlatos e interdependentes, produtos todos das tensões sociais geradas na desintegração do feudalismo em curso, para constituição do modo de produção capitalista.

Crise do sistema feudal

Renascimento do comércio

Áreas próximas às rotas comerciais

Lenta dissolução dos laços servis

Crise social

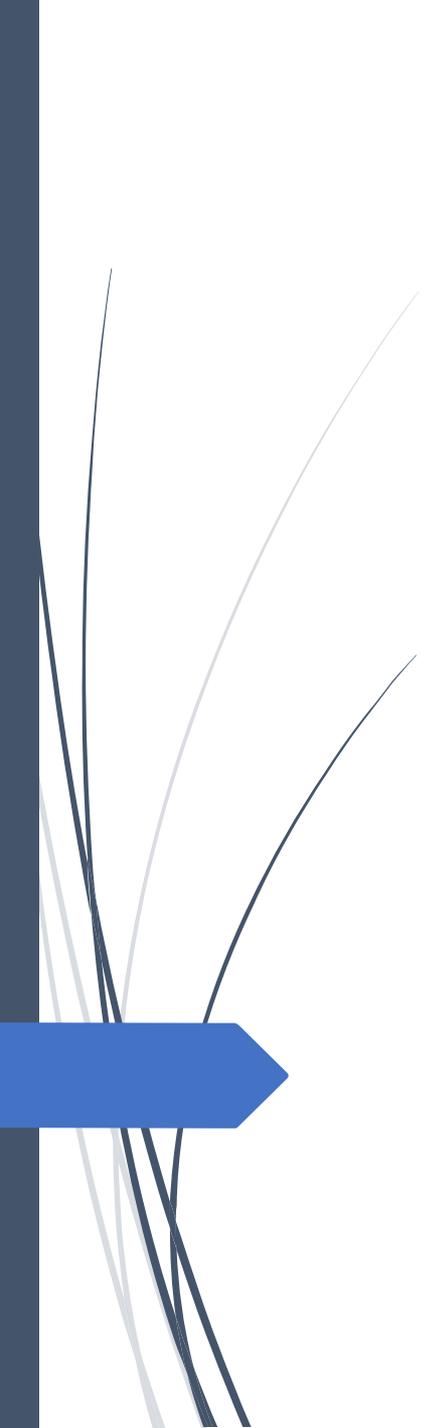
Áreas mais distantes

Fortalecimento da servidão

Crise social



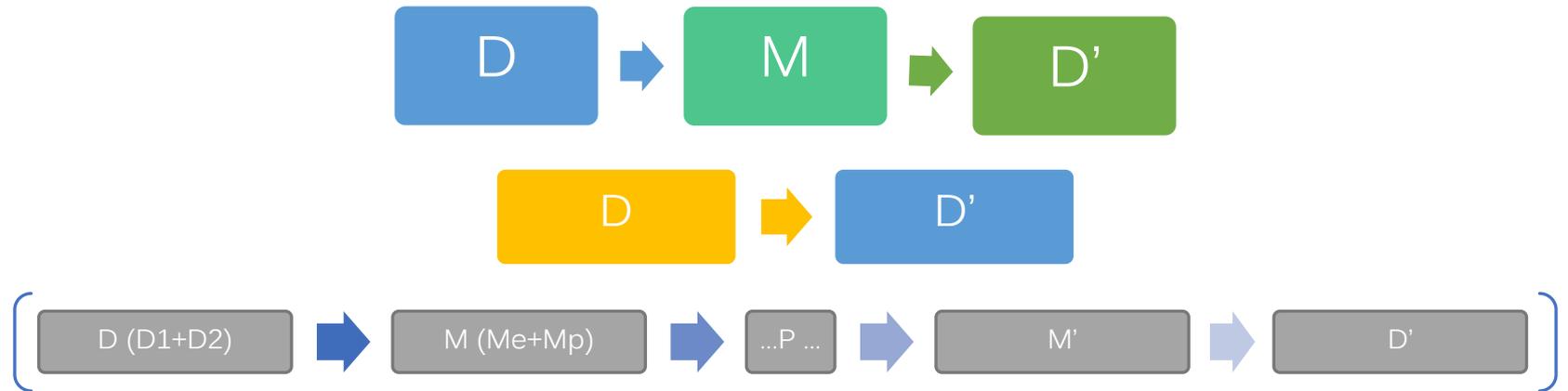
[...] o Antigo Regime Político – essa estranha e aparente projeção do poder para fora da sociedade – representou a fórmula de a burguesia mercantil assegurar-se das condições para garantir sua própria ascensão e criar o quadro institucional do desenvolvimento do capitalismo comercial..



[...] pouco a pouco, o capital penetra na produção. Do artesanato para a manufatura – onde já estão dissociados capital e trabalho, e desta para o sistema fabril, desenrola-se o processo de formação do capitalismo, que cobre todo o período do fim da Idade Média até a Revolução Industrial, quando se completa.

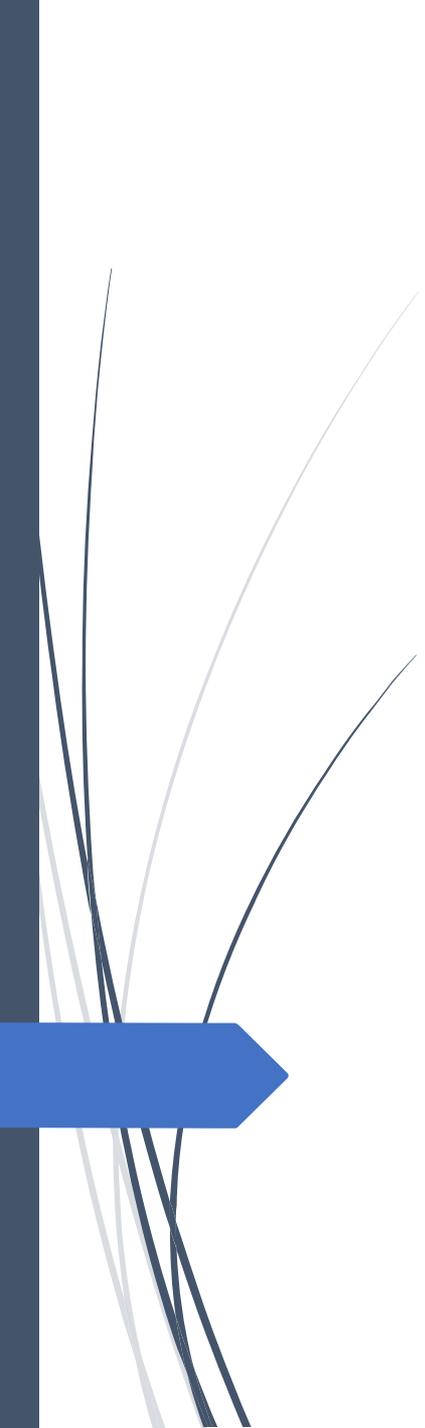
Antigo Regime

Da posição dominante dos capitais comercial e usurário...



À posição dominante do capital industrial

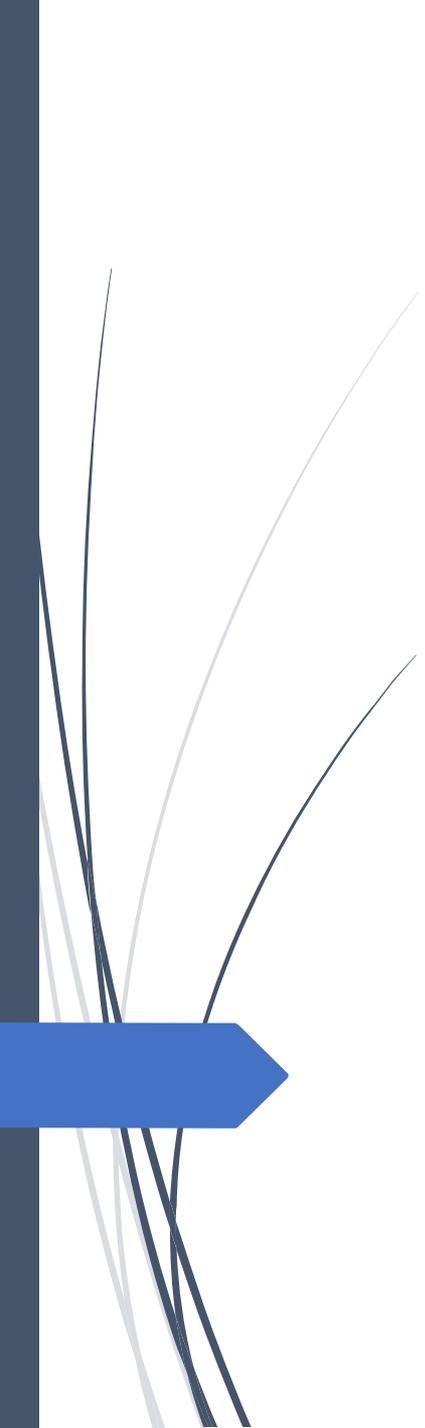




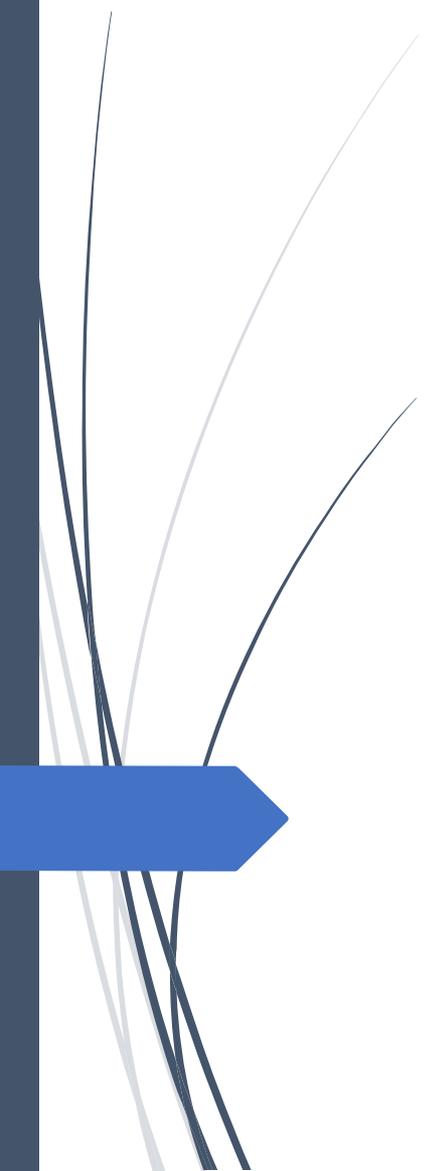
Enquanto, porém, o último passo não era alcançado, a economia capitalista comercial, e pois a burguesia mercantil ascendente não possuía ainda suficiente capacidade de crescimento endógeno; a capitalização resultante do puro e simples jogo do mercado não permitia a ultrapassagem do componente decisivo - a mecanização da produção.



Daí a necessidade de pontos de apoio fora do sistema, induzindo uma ‘acumulação’ que, por se gerar fora do sistema, Marx chamou de originária ou ‘primitiva’. Daí as tensões sociais e políticas provocadas pela montagem de todo um complexo sistema de estímulos. O mercantilismo foi, na essência, a montagem de tal sistema, e o sistema colonial mercantilista sua peça fundamental, a principal alavanca na gestação do capitalismo moderno.

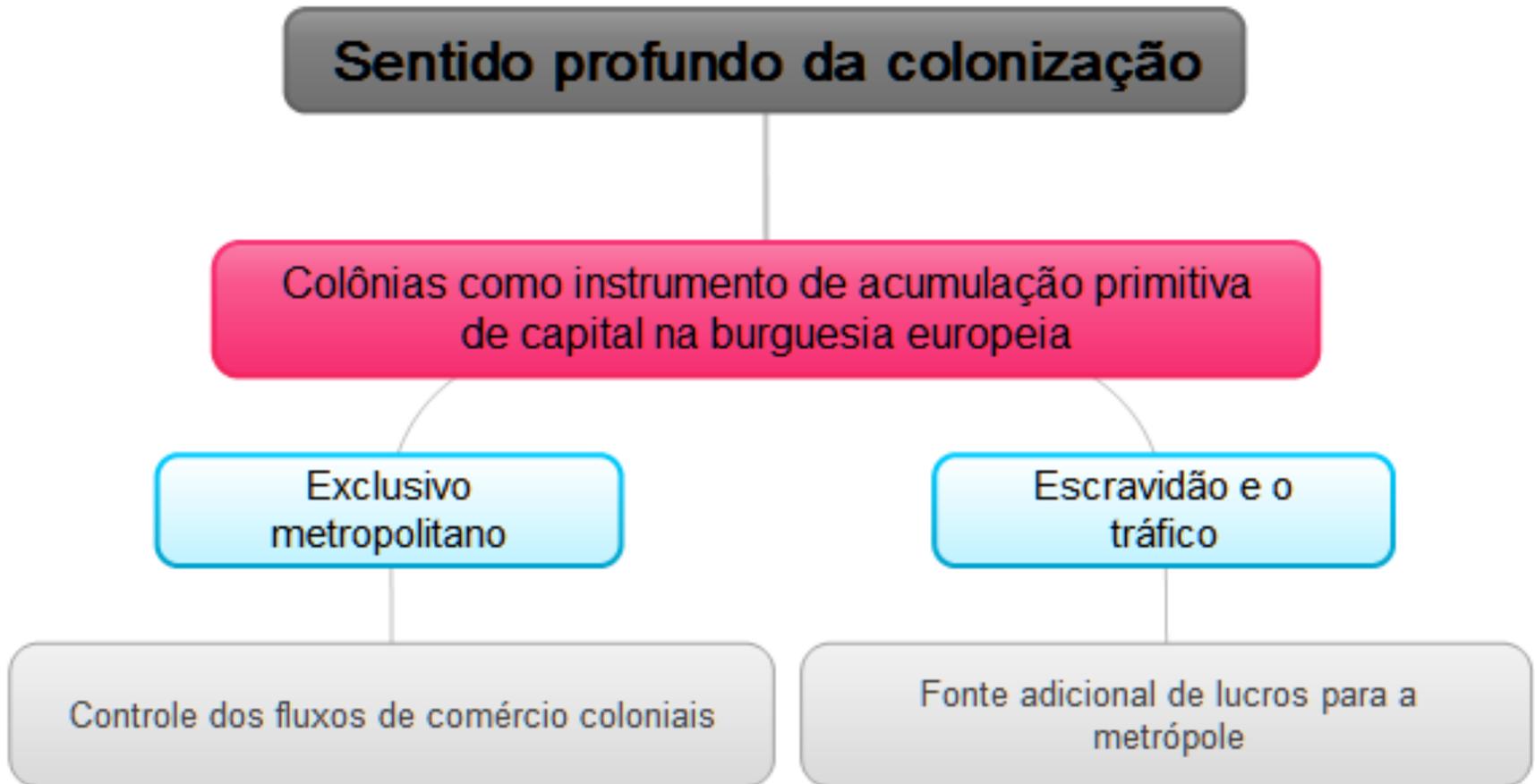


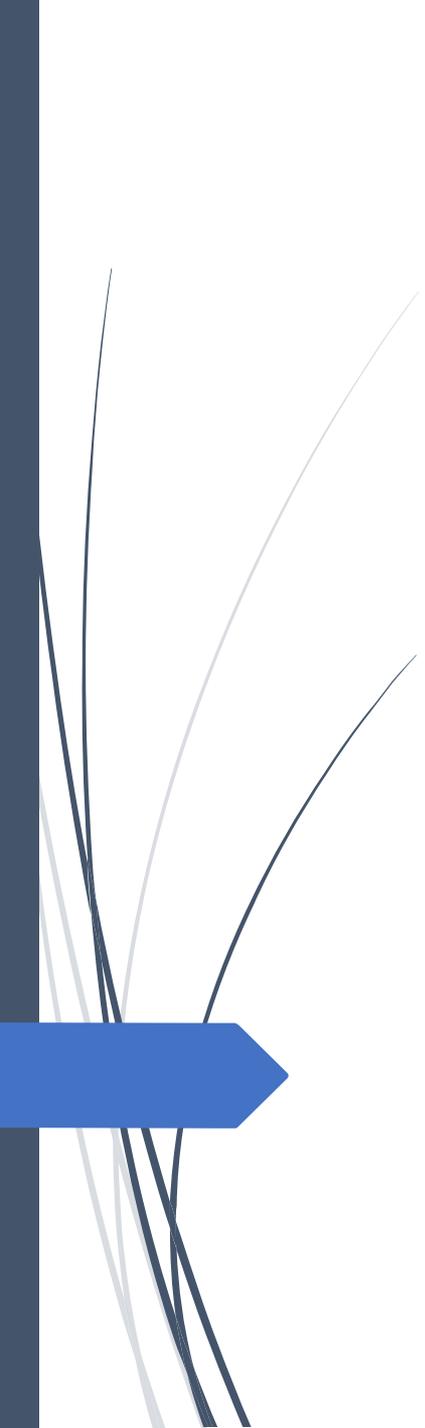
Se combinarmos, agora, esta formulação – o caráter comercial dos empreendimentos coloniais da Época Moderna – com as considerações anteriormente feitas sobre o Antigo Regime – etapa intermediária entre a desintegração do feudalismo e a constituição do capitalismo industrial – a ideia de um “sentido” da colonização atingirá seu pleno desenvolvimento.



Examinada, pois, nesse contexto, a colonização do Novo Mundo, na Época Moderna, apresenta-se como peça de um sistema, instrumento da acumulação primitiva da época do capitalismo mercantil. [...] Completa-se [...] a conotação do sentido profundo da colonização: comercial e capitalista, isto é, elemento constitutivo no processo de formação do capitalismo moderno.

Mecanismos que garantem a realização desse “sentido profundo”





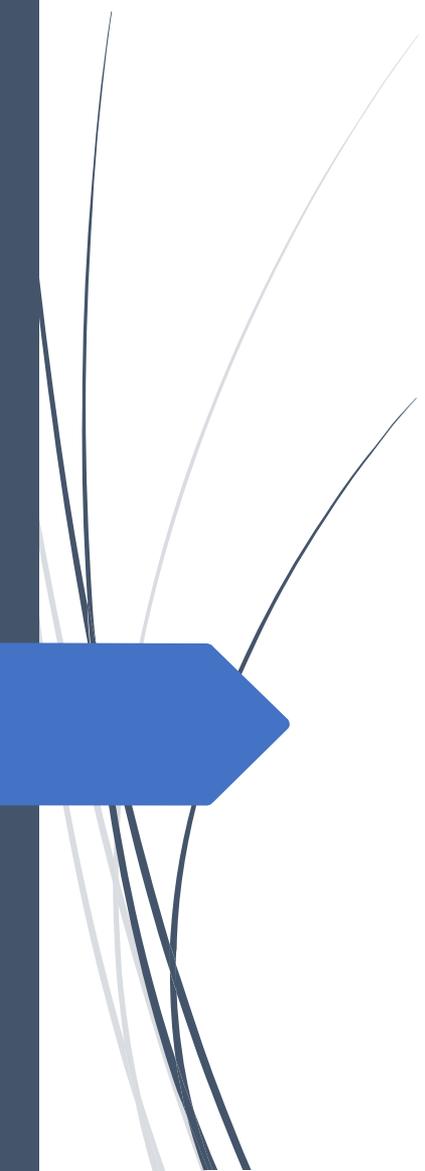
É no “regime do comércio” entre metrópoles e colônias que se situa o elemento essencial desse mecanismo. [...] O chamado “monopólio colonial”, ou mais corretamente e usando um termo da própria época, o regime do “exclusivo metropolitano” constituía-se pois no mecanismo por excelência do sistema, através do qual se processava o ajustamento da expansão colonizadora aos processos da economia e da sociedade europeias em transição para o capitalismo integral.

O Sentido da Colonização

Colonização como desdobramento da
expansão comercial europeia

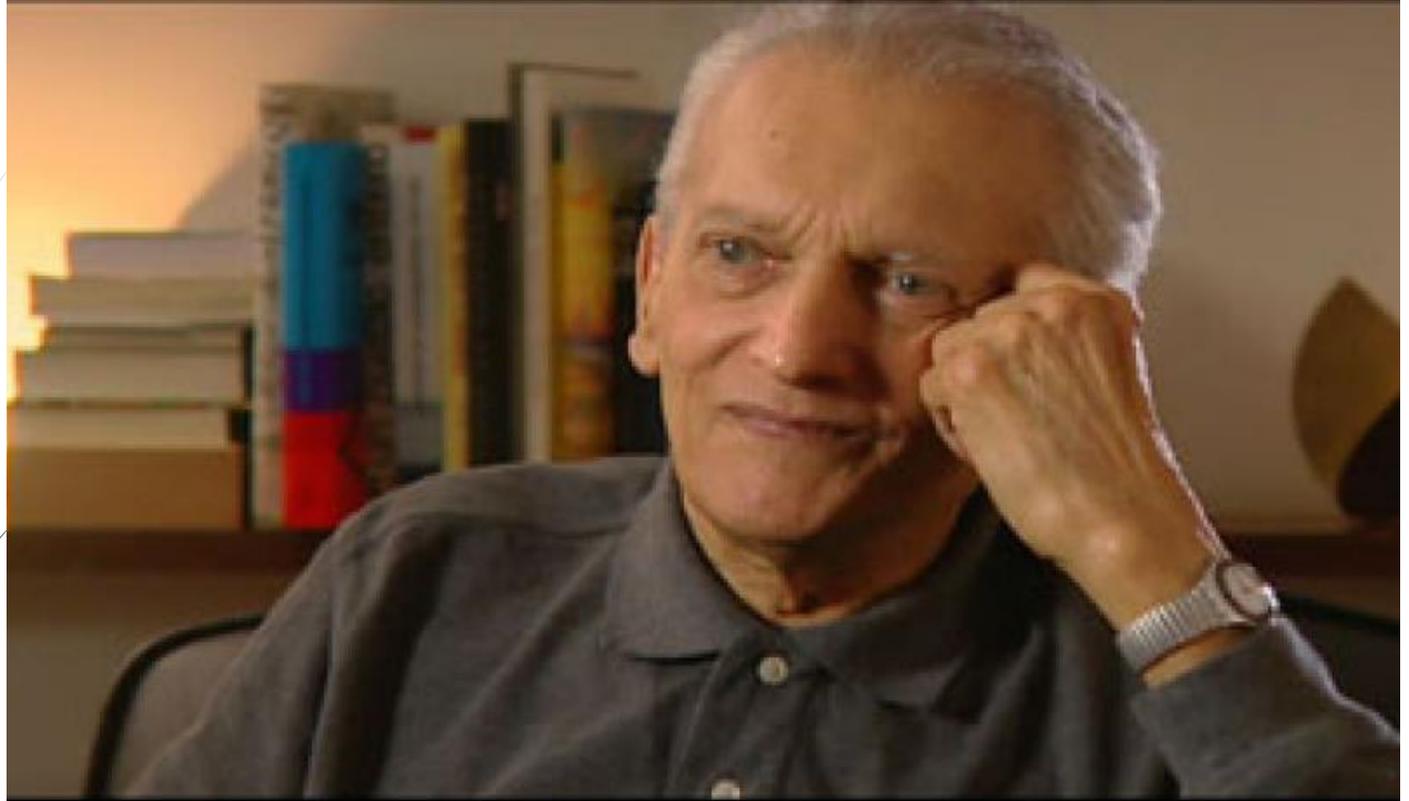
O Sentido Profundo da Colonização

Antigo Sistema Colonial como fator de
fomento da acumulação primitiva de capital na
gênese do modo de produção capitalista



Celso Furtado

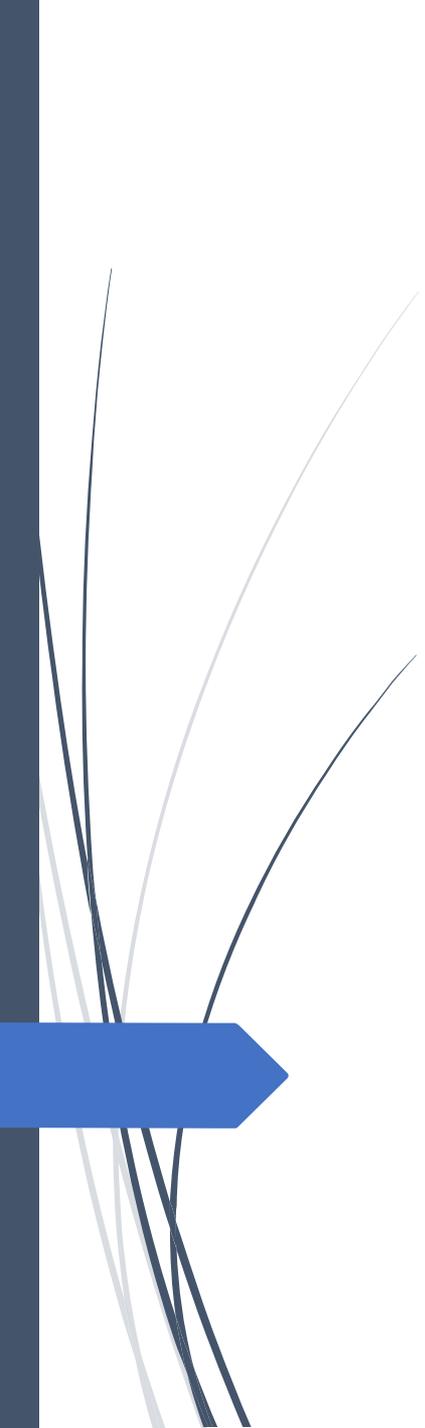
A contribuição de Celso Furtado



Celso Furtado

Pombal, Paraíba, 1920-2004

O Longo Amanhecer: <https://youtu.be/COuCEEydsnE>



A vasta, abrangente e diversificada obra intelectual de Celso Furtado representa um marco na história e na produção das ciências sociais em escala mundial. Nenhum outro autor contribuiu tanto para constituir as economias e sociedades subdesenvolvidas em objeto específico de estudo.



Celso Furtado

- ▶ Historiador econômico sem ser economista e nem historiador
- ▶ Bacharel em direito pela UFRJ (1944)
- ▶ Serviu na FEB, na Itália (1944)
- ▶ Doutorado na Sorbonne: curso “Estudos Superiores em Economia” (1946-1948)
 - ▶ Tese: Economia Colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII (1948)



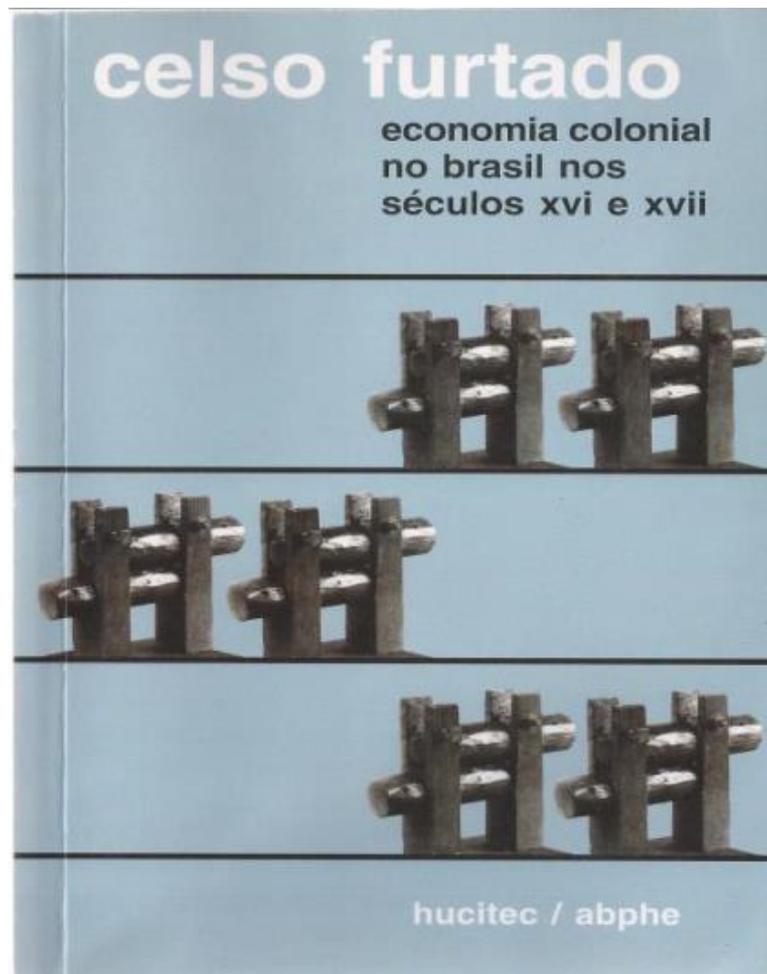
Celso Furtado

- CEPAL (1949)
- Grupo Misto CEPAL-BNDE, base do Plano de Metas
- Cambridge (1957): estudos de pós-graduação – FEC
- BNDE (1958)
- SUDENE (1960)
- Ministério do Planejamento (1962) e Plano Trienal
- Cassado pelo golpe (1964)



Publicações

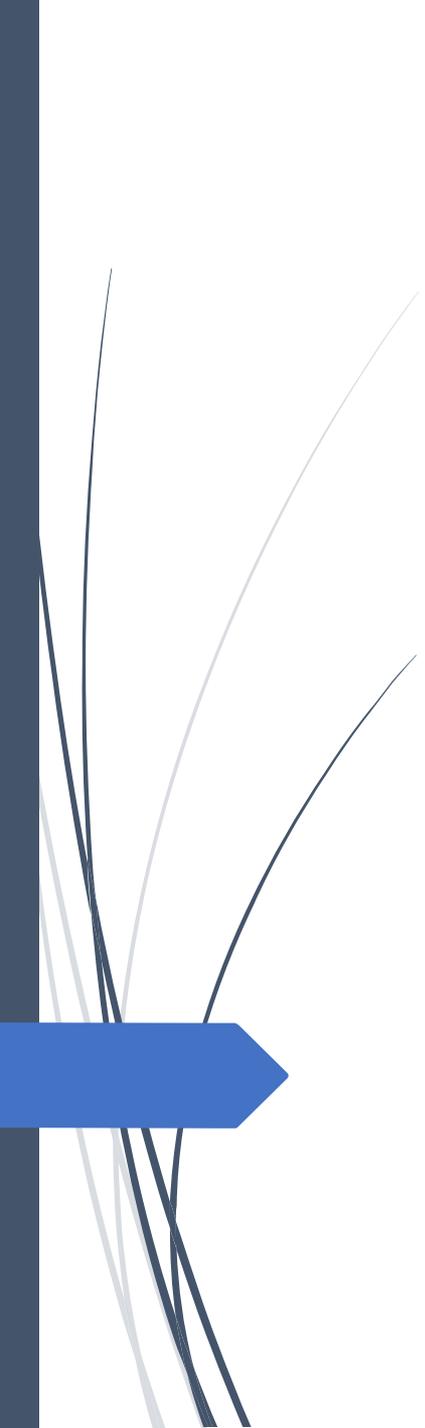
- ▶ Tese defendida na Sorbonne, 1948
- ▶ Artigo: “Características gerais da economia brasileira”, Revista Brasileira de Economia, 1950
- ▶ Livro “A Economia Brasileira”, 1954
- ▶ Livro “Formação Econômica do Brasil”, 1959



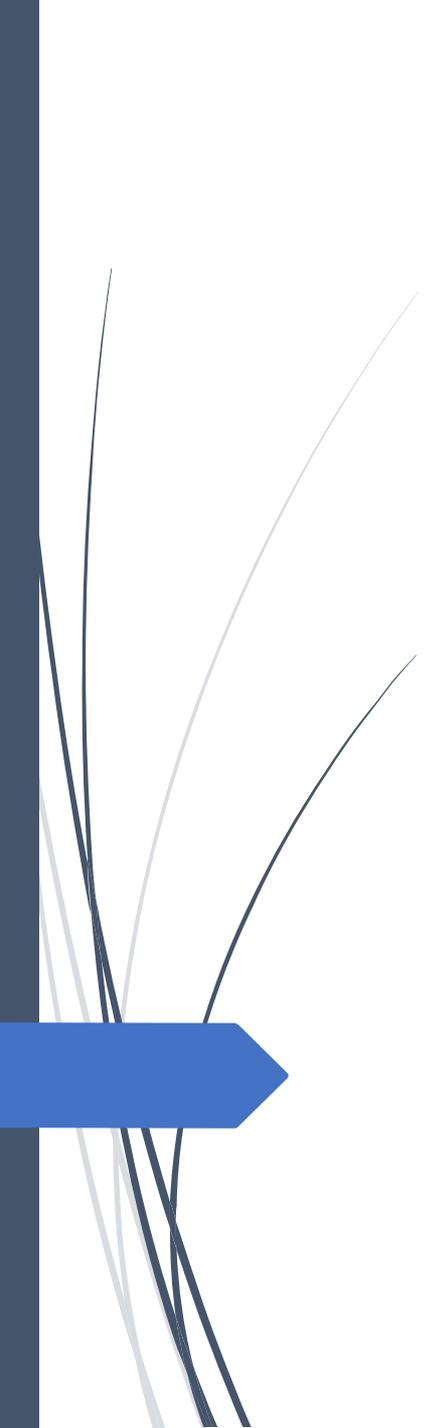
Tese de doutorado de Celso Furtado (1948)

Orientador: Maurice Byé

Defendida na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris em 1948. Publicada pela ABPHE em 2001.



Escrevi este ensaio numa fase histórica em que nosso país emergia de quinze anos de ditadura [...] Muitos de nós se interrogavam sobre o que fazer, certos de que viviam uma dessas épocas privilegiadas em que tomamos consciência de que o futuro depende de nosso comportamento presente e por isso nos sentimos desafiados.



Contudo, pareceu-me ilusório imaginar que tínhamos condições de provocar uma mutação em nosso processo histórico. Precisávamos conhecer melhor nossa formação. [...]

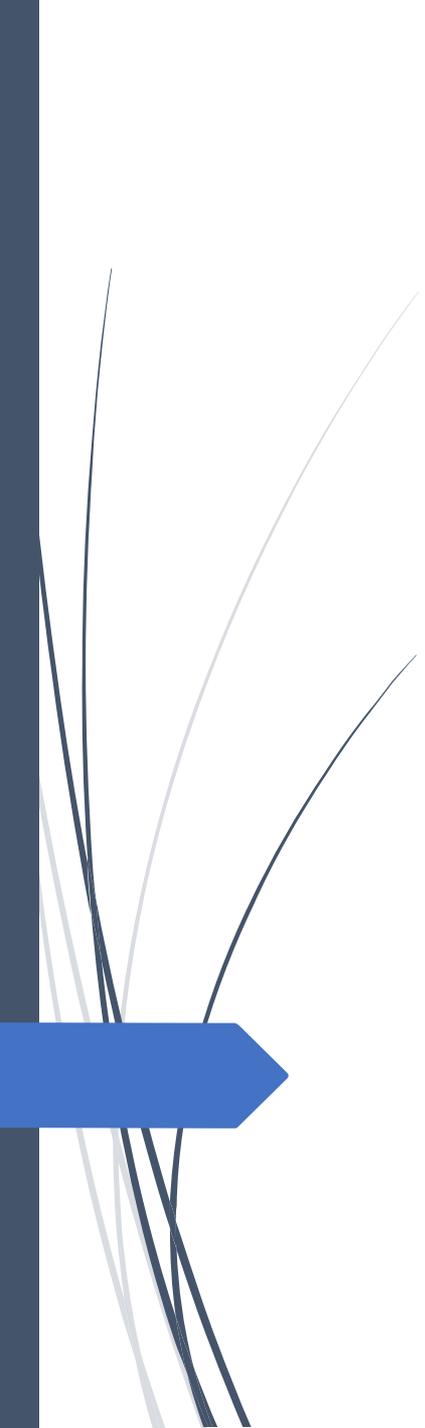
O estudo da economia colonial brasileira veio a ser a primeira parte da reflexão mais abrangente que publiquei dez anos depois sob o título de ‘Formação econômica do Brasil’.



Formação
Econômica do Brasil,
1959.

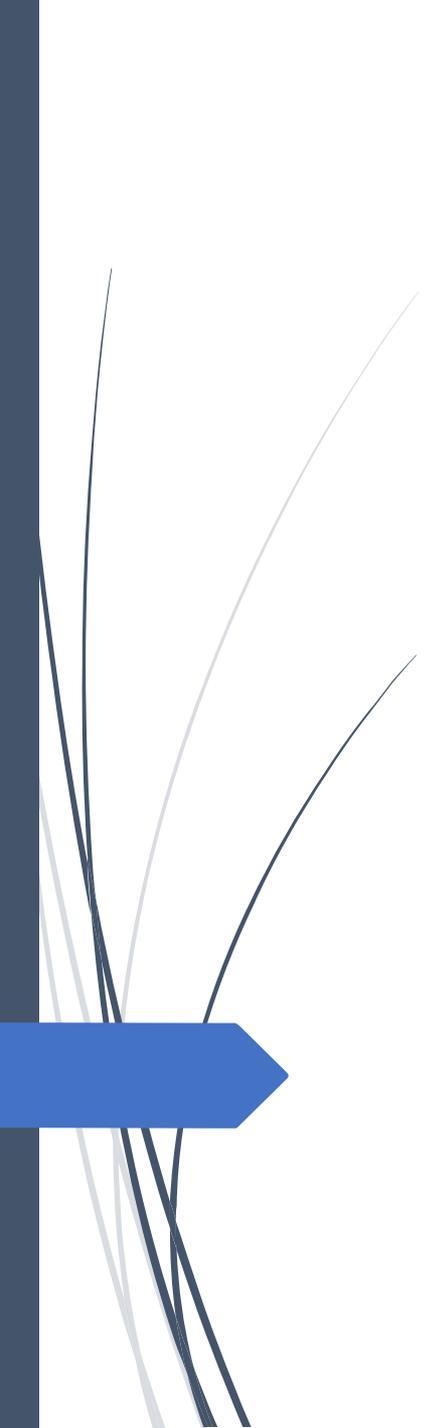
Primeira edição. Fundo de Cultura.





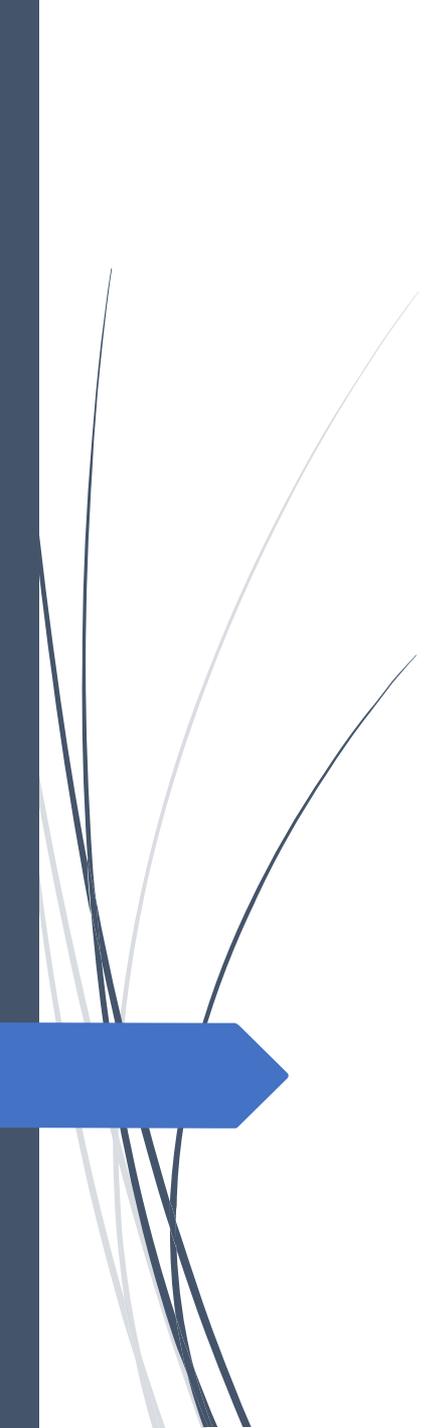
Formação Econômica do Brasil, de Celso Furtado, continua sendo, 30 anos após seu lançamento, a mais famosa e divulgada obra da literatura econômica brasileira, editada em nada menos que dez idiomas e um quarto de milhão de exemplares.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Formação Econômica do Brasil: uma obra prima do estruturalismo cepalino. Revista de Economia Política, vol 9. n^a. 4, out/dez 1989, pp. 38-55, p. 38.

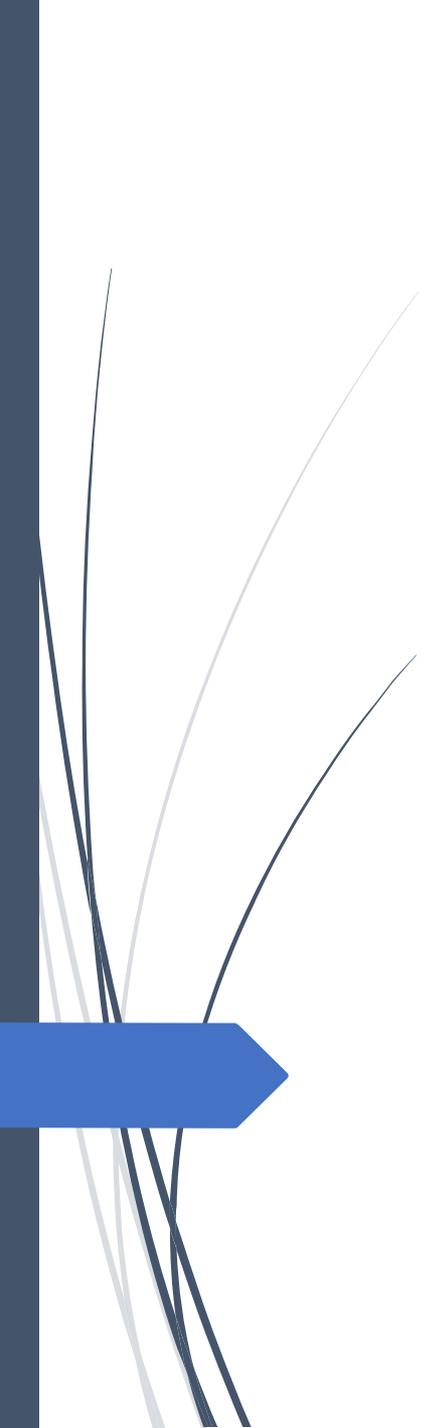


[...] se Caio Prado nos dá o painel de uma economia comercial-exportadora, Furtado desenha com mais nitidez as transformações internas da economia brasileira desde o período colonial. [...] E sobretudo, põe ênfase naquilo que passou a ser seu tema preferido: a formação do mercado interno pós Abolição e a dinâmica que poderia levar à industrialização e ao desenvolvimento.

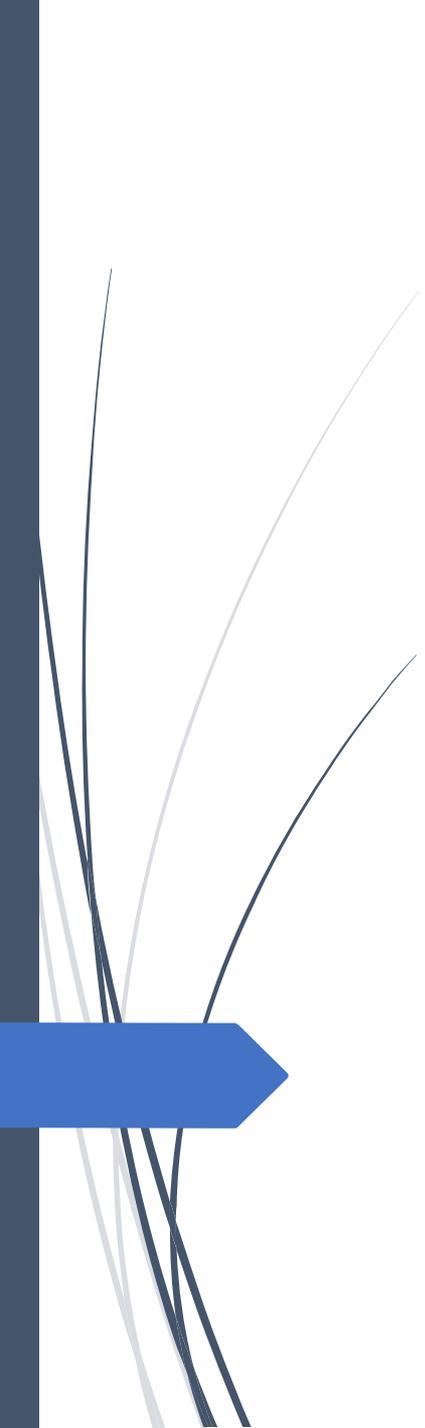
CARDOSO, Fernando Henrique. Prefácio. In COELHO, Francisco da Silva & GRANZIERA, Rui Guilherme. Celso Furtado e a Formação Econômica do Brasil. Edição Comemorativa dos 50 anos de Publicação (1959-2009), p. 13.



A decisão de dedicar o essencial de meu tempo ao trabalho teórico eu a havia tomado antes de chegar a Cambridge, mas não teria a tranquilidade necessária para levá-la adiante, em sã consciência, se também não reservasse algum tempo a ordenar minhas ideias sobre o Brasil.



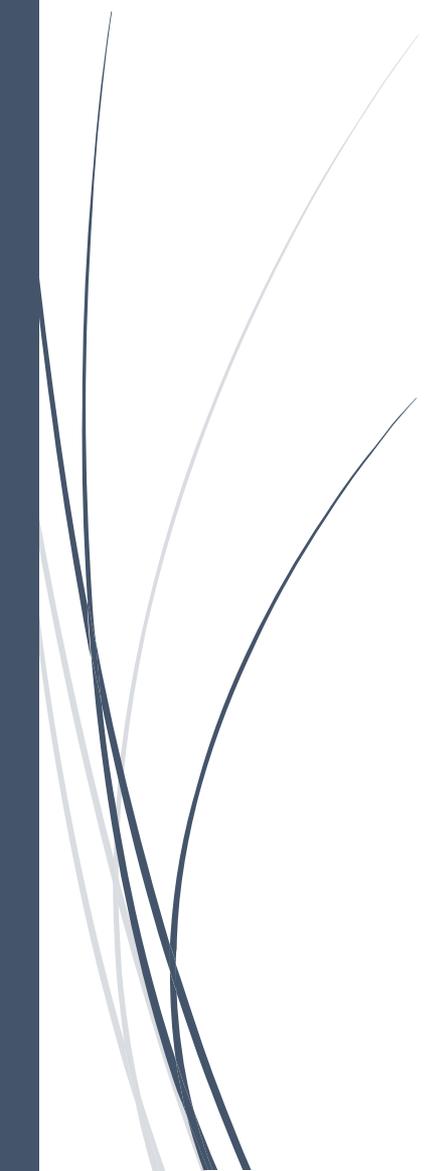
O avião da Panair em que viajei para Londres teve um acidente ao baixar em Recife, onde fazia escala, obrigando-me a permanecer dois dias nessa cidade. Perambulando pelas ruas para rever os locais que frequentava quando era aluno do Ginásio Pernambucano, entrei na velha livraria Imperatriz. Entre os livros que adquiri estava uma reedição recente da “História Econômica do Brasil” de Roberto Simonsen, que havia lido dez anos antes.

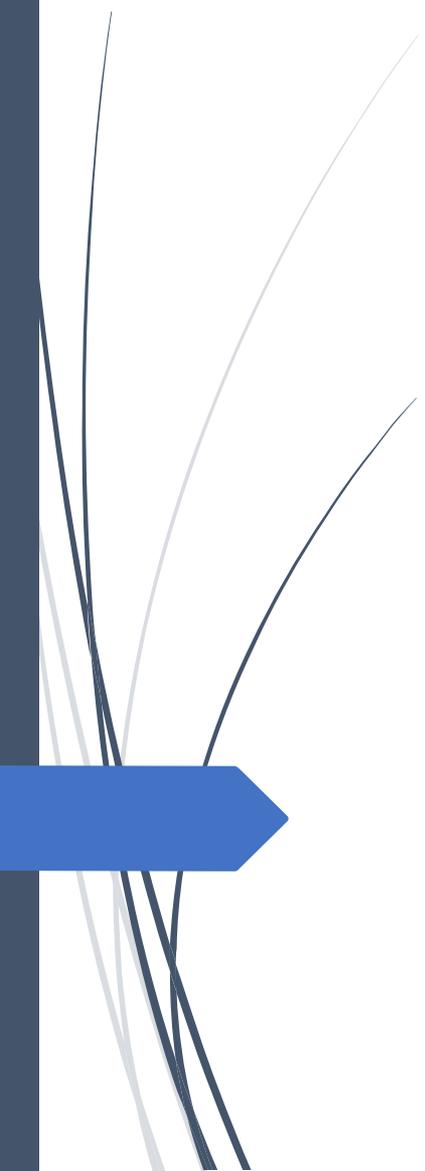


Folheando esse livro e detendo-me na massa de informação quantitativa que contém sobre o período colonial, veio-me a ideia de tentar a elaboração de um modelo da economia do açúcar a meados do século XVII. Foi dessa ideia que surgiu a “Formação Econômica do Brasil” [...]

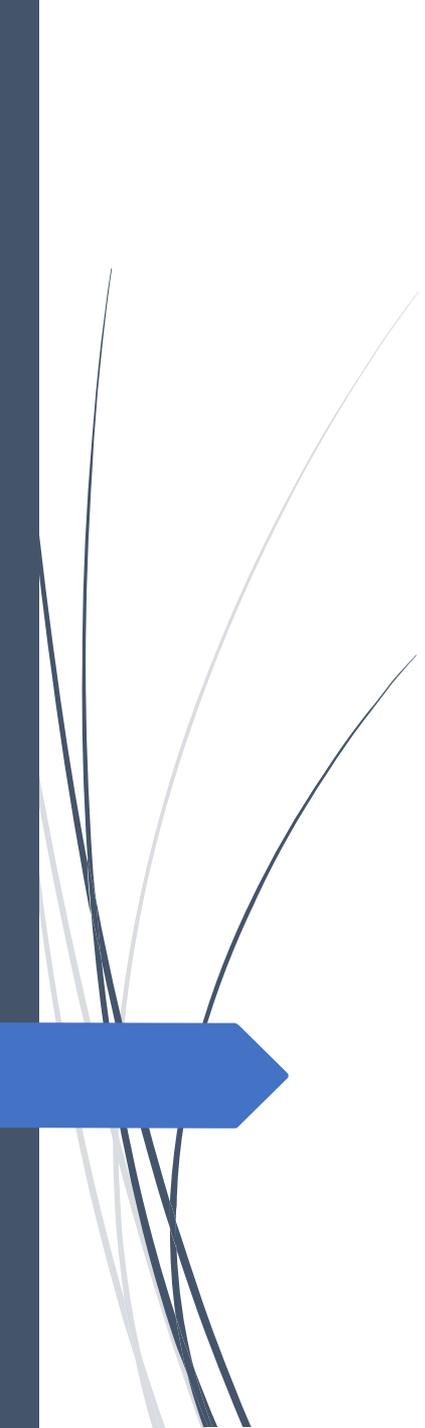


Furtado e a CEPAL

- ▶ 1949: Furtado na CEPAL
 - ▶ Reflexão sobre as economias chamadas de “subdesenvolvidas”
 - ▶ Raúl Prebisch
 - ▶ Economias “subdesenvolvidas” entendidas como o produto de uma determinada colonização
- 



O pensamento de Furtado, nessa linha teórica, vai articular de novo economia e história, vai escapar da asséptica teoria neoclássica, para quem a história não conta absolutamente nada. Seu primeiro passo é recuperar a história, retornando à economia política, e negando tanto as economias subdesenvolvidas como criações a partir de suas próprias forças quanto serem apenas uma etapa do desenvolvimento...

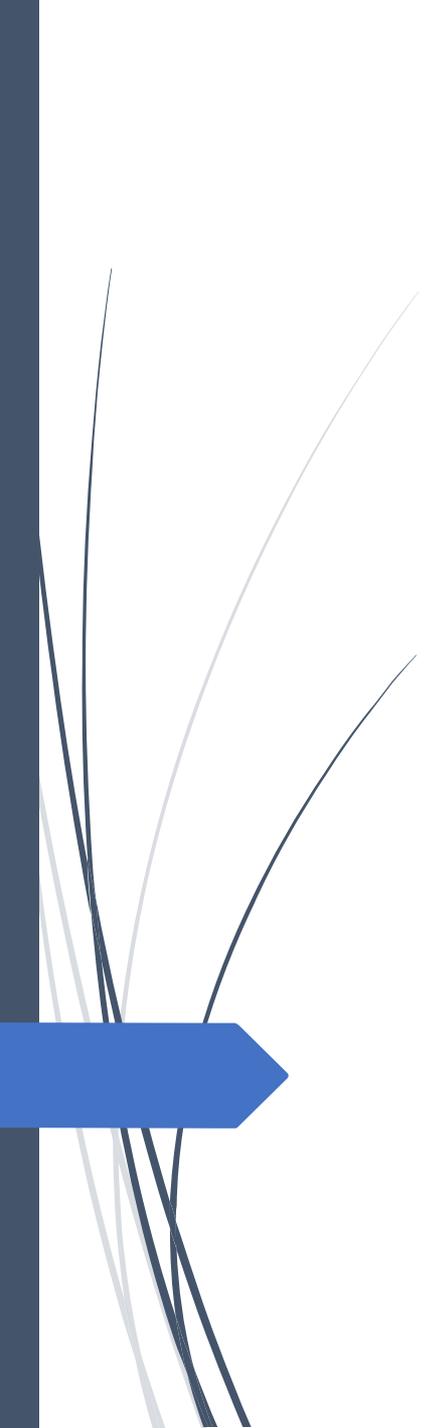


É a partir da história que se verifica que as economias subdesenvolvidas não eram uma etapa, mas um produto específico do sistema capitalista, desde a sua formação, isto é, desde a expansão mercantilista da Europa em direção às colônias.



Formação Econômica do Brasil: a estrutura do livro

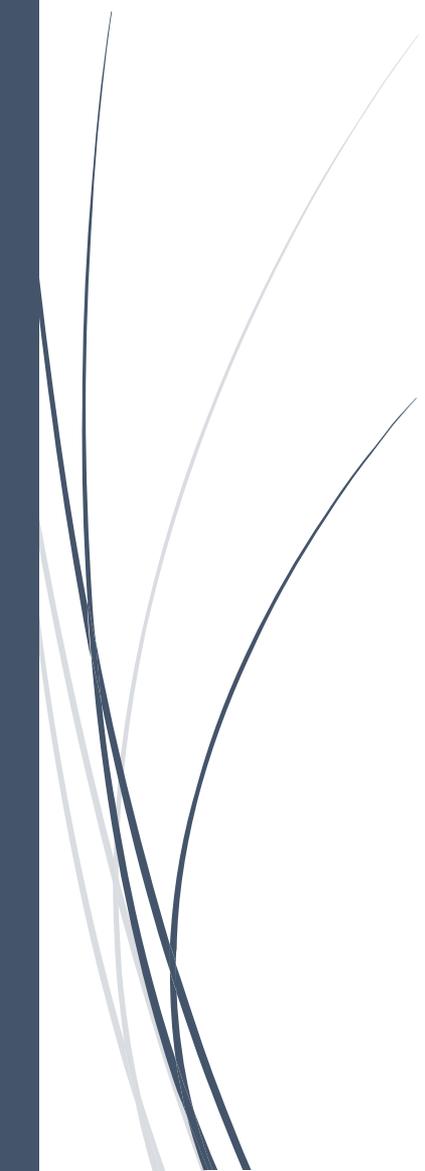
- ▶ Simples, composto por 5 partes:
 - ▶ Fundamentos econômicos da ocupação territorial
 - ▶ Economia escravista de agricultura tropical
 - ▶ Economia escravista mineira
 - ▶ Economia de transição para o trabalho assalariado
 - ▶ Economia de transição para um sistema industrial
- ▶ Poucas referências bibliográficas
- ▶ Não há diálogo com os pensadores dos anos 1930
- ▶ Não há menção a Caio Prado Júnior – ainda que a influência seja clara

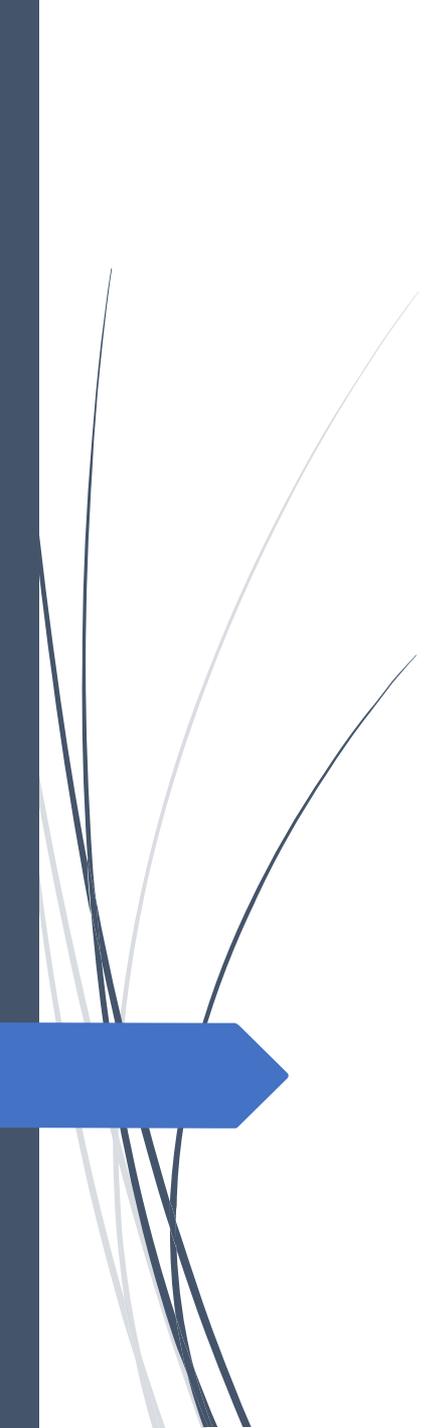


[...] quanto a Caio, creio que a dívida de Celso para com ele é muito grande, e a inexistência de citações de sua obra em “Formação Econômica do Brasil” pode ser considerada simplesmente imperdoável.



O instrumental teórico do livro

- ▶ Reconstrução racional feita a partir da análise dos “ciclos” alicerçada na análise dos fluxos de renda
 - ▶ Ideia clara de economia voltada para fora, pelo menos no início
 - ▶ Poucas variáveis; poucos instrumentos de análise
 - ▶ Interesse especial em entender:
 - ▶ As origens da indústria no Brasil
 - ▶ A formação do mercado de trabalho
 - ▶ A criação do mercado interno
 - ▶ O deslocamento do centro dinâmico
- 

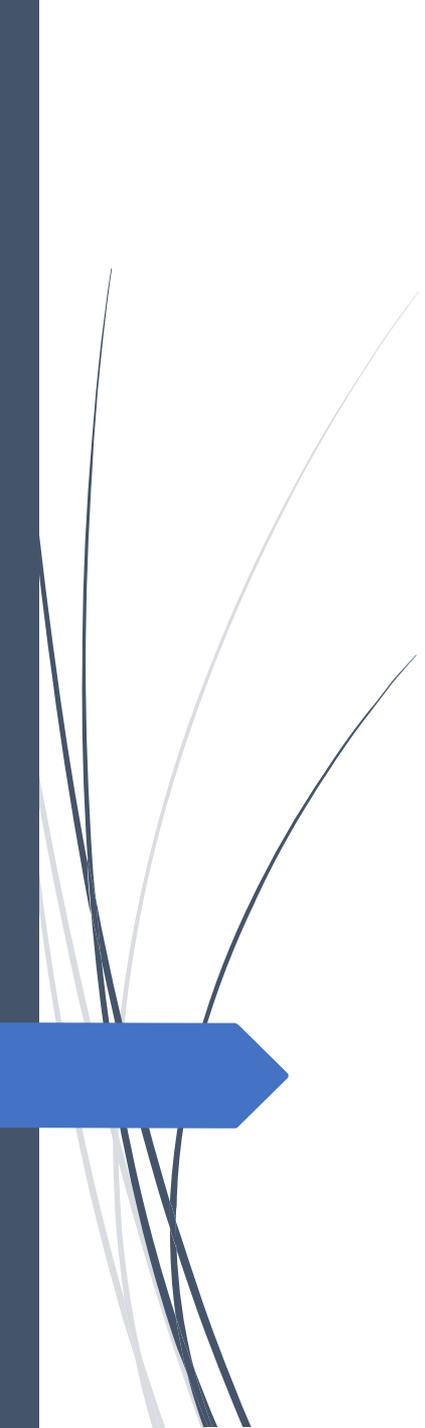


Não é por acaso que se chega a afirmar que, depois de Formação Econômica do Brasil, passou-se a pensar a história econômica do país em ‘termos furtadianos’: nessa obra encontram-se, juntos, a força do moderno pensamento social brasileiro, nascido com os ares de 30, e o vigor da descoberta teórica do subdesenvolvimento.

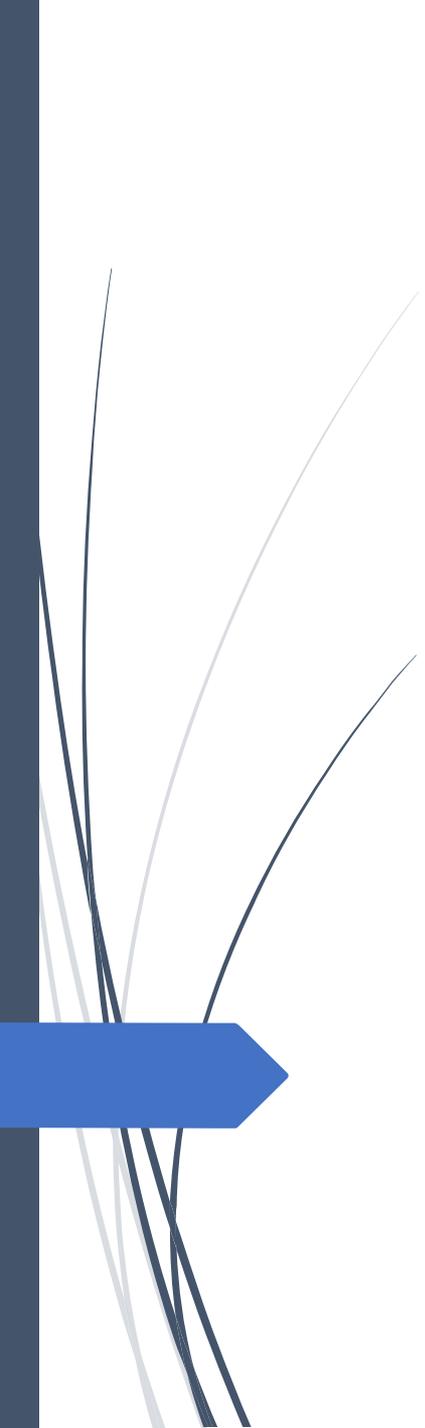


Principais elementos de análise: alguns destaques

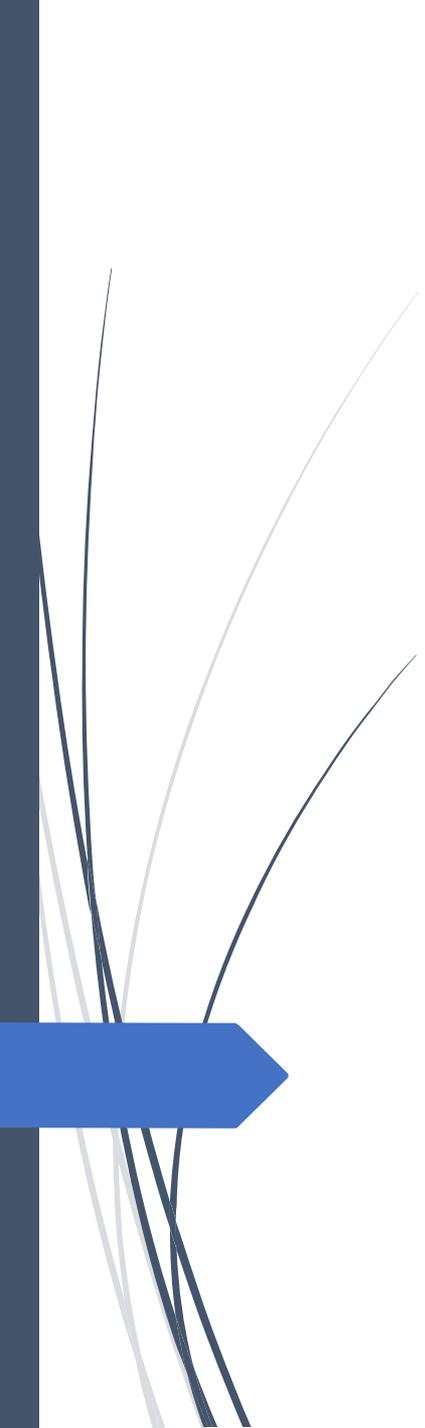
- ▶ Comércio internacional e produtividade: absorção/liberação de recursos
- ▶ Transações monetárias X transações em espécie (formação do mercado de trabalho)
- ▶ Economia de subsistência X economia excedentária
- ▶ Determinação de preços e preços relativos



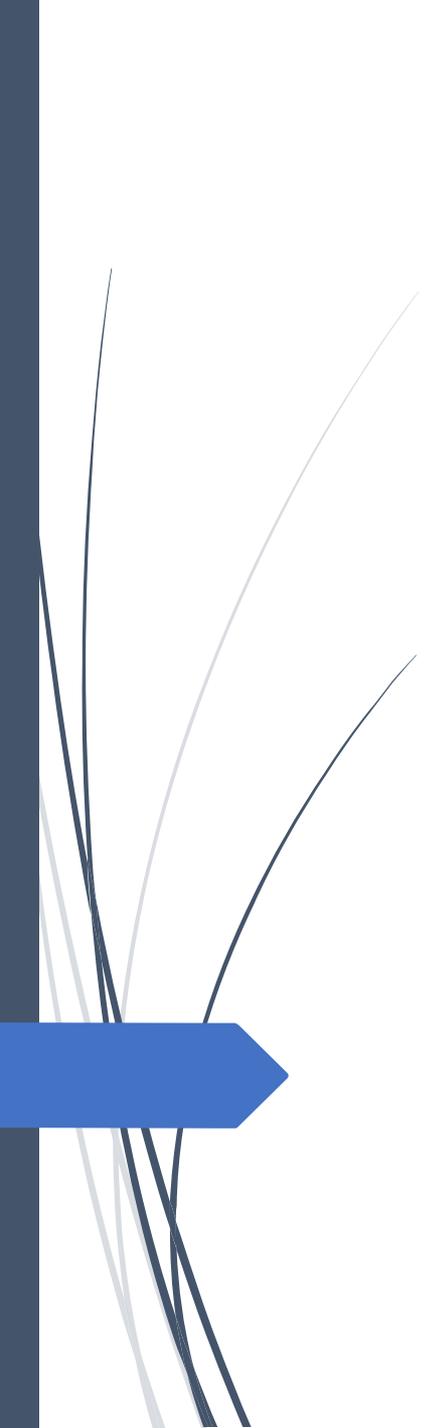
Na visão de Furtado, as economias coloniais são depósitos de fatores de produção ociosos ou subutilizados: terra, recursos naturais, trabalho [...] A descoberta de minas de ouro e prata, ou o cultivo de produtos de elevada demanda [...] conecta estes recursos à economia mundial. Em outras palavras, o comércio internacional cumpre o papel de mobilizar os recursos antes ociosos e de despertar uma economia adormecida elevando sua produtividade.



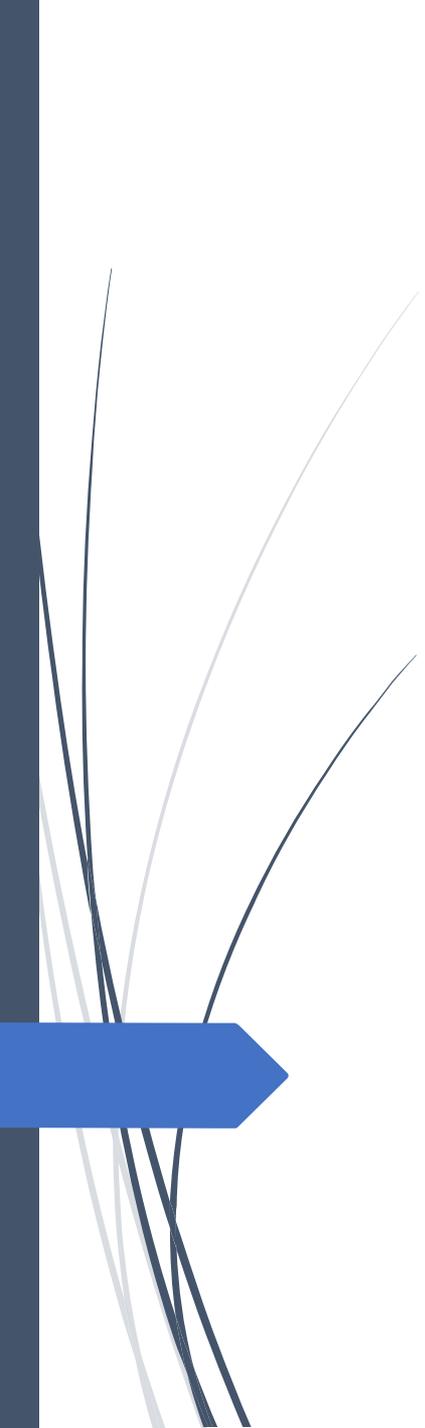
As concepções específicas de produtividade utilizadas por Furtado em diferentes partes de sua obra também merecem atenção. De acordo com Furtado, ocorre uma elevação de produtividade em três situações: i. absorção de recursos sub-utilizados; ii. elevação de preços internacionais, um fenômeno típico das exportações primárias; iii. um crescimento de produtividade “smitheano”, típico da manufatura e da indústria.



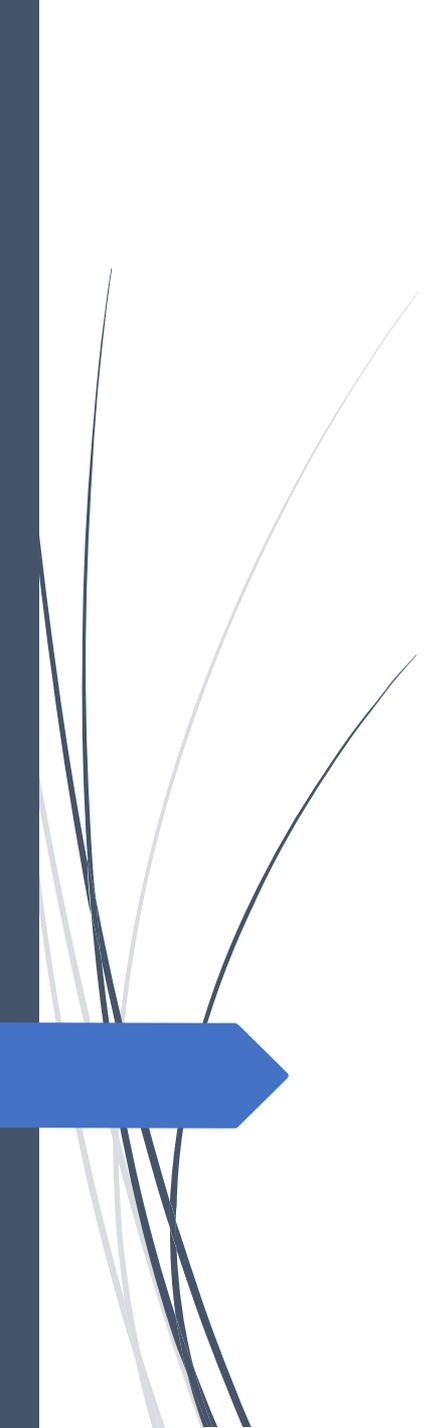
[...] uma mudança positiva nos termos de troca e/ou a simples transferência de recursos já existentes para usos mais produtivos – já que conectados a alta demanda e a preços elevados – aumenta a produtividade da economia como um todo.



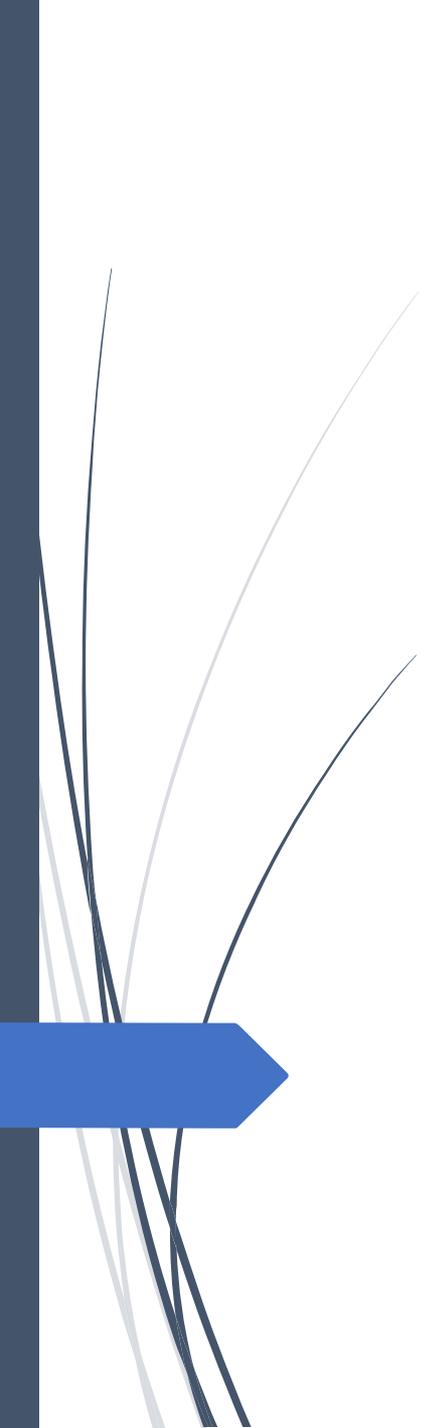
Nela [economia de plantation escravista] os desembolsos no mercado interno são inexistentes. A situação é ainda agravada pelo fato de os lucros dirigirem-se para fora, para a compra de escravos e equipamentos, o pagamento de dívidas, a aquisição de bens de luxo. O efeito multiplicador não opera e o restante da economia permanece em um estágio de subsistência.



Adicionalmente – e para complicar ainda mais – embora Furtado admita que os bens são trocados em um ambiente monetário, não admite fluxos de moeda entre o “setor de subsistência” e o resto da economia.



O que vem a ser uma “economia de subsistência”? A pergunta é cabida, porque Furtado aplica a expressão a muitas situações diversas. Em uma economia colonial, todas as atividades fora dos núcleos exportadores fazem parte do “setor de subsistência”. [...] O curioso é que o “setor de subsistência”, além de manter as pessoas nele envolvidas, proporciona alimentos para os setores exportadores líderes e para as populações das cidades...



[...] Chega-se a um paradoxo: o “setor de subsistência” produz excedente. Furtado recorre sempre à presença de uma estrutura dual, a qual compreende os setores líderes (produtores de excedente) e a “economia de subsistência”. Na verdade, “subsistência” aparece aqui como sinônimo de baixa produtividade.



Se considerarmos que os preços dos produtos de exportação são dados pelo mercado externo, pode-se admitir que a distribuição da renda e os lucros são determinados pelos preços internacionais e pelo nível de subsistência. Para que o modelo seja completo, no entanto, teríamos que fixar os preços dos bens de subsistência, o que implica adotar a hipótese de ausência de restrições à expansão da produção de bens básicos, a custos fixos.